



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (PPGPSI)

LAÍS SUELEN GONZAGA ALMEIDA

ARQUIVO MORTO EM *FABULAÇÃO*:
do encontro entre Seu Cosme e Estamira no “além do além”.

SÃO CRISTÓVÃO – SE

2023

LAÍS SUELEN GONZAGA ALMEIDA

**ARQUIVO MORTO EM *FABULAÇÃO*:
do encontro entre Seu Cosme e Estamira no “*além do além*”.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Linha de pesquisa: Processo de Subjetivação e Política

Orientadora: Profa. Dra. Michele de Freitas Faria de Vasconcelos

SÃO CRISTÓVÃO – SE

2023

LAÍS SUELEN GONZAGA ALMEIDA

ARQUIVO MORTO EM *FABULAÇÃO*:
do encontro entre Seu Cosme e Estamira no “*além do além*”.

COMISSÃO AVALIADORA:

Profa. Dra. Michele de Freitas Faria de Vasconcelos (orientadora)

Prof. Dr. Marcelo de Almeida Ferreri (avaliador interno)

Profa. Dra. Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto (avaliadora externa)

SÃO CRISTÓVÃO – SE

2023

Agradecimentos

[...] A andorinha voou, voou, fez um ninho na minha mão e um buraco bem no meu coração. E lá vou eu como um passarinho, como um bicho que sai do ninho, sem vacilo nem dor na minha vez [...].
(BORGES, 1981)

Aos meus amores, mainha e painho, minha família sanguínea ou não, amigos e amigas. Nós somos muitos e muitas. Então agradecerei referenciando a todos os amores que encontrei durante o curso da vida, nos variados tempos, espaços e contextos. Se nos encontramos, você está aqui. Agradeço aos amores que ajudaram a Laís criança a nutrir seus olhos e ouvidos com curiosidade e atenção, despertando encantamento e desejo para sentir e experimentar o mundo, ainda que com medo. Aos que seguraram a sua mão, que lhe inspiraram coragem e, ainda, aos que lhes apresentaram as dúvidas, os questionamentos que, na sua juventude, fortaleceram o seu olhar inquieto, e mesmo revoltado. Esse olhar até hoje teima em não se conformar. A todas as pessoas que lhe deram-fizeram caminhos e acompanharam o percurso dessa hoje cientista que seguirá em formação, que cultiva a mesma curiosidade da infância e paixão pela música, pela poesia, pelas histórias que gosta de ouvir e de contar, investindo na arte como a maior aposta para a metamorfose da vida em expansão. Agradeço a todas as pessoas que participam e constroem a micropolítica cotidiana por uma política de saúde mental coletiva. Agradeço a todos os seres que participaram dessa construção. Assim como as andorinhas, gosto de voar em bando. Nominalmente, irei agradecer às minhas principais parceiras desse voo que acabamos de pousar (por enquanto): Estamira Gomes de Souza, minha orientadora Michele de Freitas Faria de Vasconcelos e o companheiro José Cosme dos Santos. A vocês eu agradeço e dedico esse trabalho. A toda essa gente que acredita em uma política de escuta de vozes, entre a vida afiada e a morte sorrateira, apostando em suas potências em meio a tantos (des)encontros. E, principalmente, lembrando que os aprenderes se dão no cotidiano dos encontros com outros e com o outro de nós no paradoxo de desaprendizagens e da multidão que em nós habita. Obrigada!

Transbordações clínico poéticas

...Silêncio... Transbordo e começo.

Não sei como organizar o caos daquilo que (me) escapou.

"Tá dando controle remoto aqui" [...]

...Barulho... Transbordante ouço.

Não sei como transformar palavras transbordadas em dissertação.

"Agora os deuses são os cientistas, os técnicos" [...]

...Só um momento... Transbordo e escrevo.

Não sei como tornar essa escrita uma pesquisa.

"Os cientistas, determinados trocadílos, eles conseguem" [...]

...Calma... Escrevo e sígo.

Não sei bem o que encontrarei na próxima linha.

"Vocês não aprendem na escola. Vocês copiam" [...]

... Atenção... Transbordo para seguir.

Não sei se há fuga e o que posso achar: molar ou molecular?

"O controle remoto é uma força quase igual à luz" [...]

...Paciência... Escrevo para sair do lugar.

Não sei quais composições irei cartografar.

"Tudo o que é imaginado tem, existe, é!" [...]

...Sutileza... Transbordo para voar.

Devir-borboleta,

Devir-passarinho

Séi que os fluxos irão se conectar.

"O além do além é um transbordo. Tudo que enche transborda" [...]

(Arquivo pessoal, 2021).

RESUMO

Num momento de necrocapitalismo, em que muitos corpos, por não valerem nada, valem mais mortos, deste lugar de morte, de perdas e de ruínas, duas andorinhas retornam batendo seus bicos em nossas janelas, convidando a fabular uma vida, um povo, uma pesquisa. Do encontro entre pesquisadora, andorinhas e mundo, buscando saídas entre ressentimento e entorpecimento, fabulou-se uma história de gente ordinária brasileira, gente morta pelo capital, gente que foi parar no arquivo morto dos serviços de saúde mental, mesmo que uma até tenha virado documentário. Por meio de uma escrita-passarinha, Estamira encontra Seu Cosme, tecendo uma vida que se pode e se faz em ato outra, anunciando o assombro da mornidão dessa vida capital e o sintoma desses tempos: a matança. Abrindo os arquivos engavetados nas salas e os arquivos da memória; abrindo o corpo aos encontros; abrindo as palavras, a cientista foi “*além do além*”, lugar onde, segundo Estamira, nenhum cientista havia chegado. Percorreu-se um caminho conceitual-metodológico cartográfico tremido, gaguejante e delirante, numa intercessão entre a tipologia de Gilles Deleuze e o seu conceito de fabulação, a clínica do desvio de Antônio Lancetti, o conceito de necrobiopoder proposto por Berenice Bento e outras referências que compuseram uma história do presente, uma memória vital, pretendendo fazer/dar ciência para questionar e resistir aos mecanismos de produção, de controle e de morte dos corpos e subjetividades de gente preta, pobre, velha, não aderente ao tempo-espaço do empreendedorismo de si.

Palavras-chave: Necrobiopoder, Cartografia, Fabulação, Saúde Mental.

ABSTRACT

In a moment of necro-capitalism, in which many bodies, for not being worth anything, are worth more dead, from this place of death, loss and ruins, two swallows return, banging their beaks on our windows, inviting us to fable a life, a people, a search. From the encounter between researcher, swallows and the world, seeking ways out between resentment and numbness, a story of ordinary Brazilian people was created, people killed by capital, people who ended up in the archives of mental health services, even if one even became documentary. Through a bird-like writing, Estamira finds Seu Cosme, weaving a life that can and is done in an act of another, announcing the astonishment of the lukewarmness of this capital life and the symptom of these times: the killing. Opening the archives shelved in the rooms and the memory archives; opening the body to encounters; Opening the words, the scientist went “beyond the beyond”, a place where, according to Estamira, no scientist had ever arrived. A shaky, stuttering and delirious cartographic conceptual-methodological path was followed, in an intersection between Gilles Deleuze's typology and his concept of fabulation, Antônio Lancetti's clinic of deviation, the concept of necrobiopower proposed by Berenice Bento and other references that composed a history of the present, a vital memory, intending to make/provide science to question and resist the mechanisms of production, control and death of the bodies and subjectivities of black, poor, old people, who do not adhere to the time-space of entrepreneurship in yes.

Keywords: Necrobiopower, Cartography, Fabulation, Mental Health.

Prólogo

Além do além, inverno de 2023.

Caros e caras leitores e leitoras, esperamos que esta carta, ao chegar, os encontre vivos e vivas. Apesar da pandemia COVID 19 não ser mais uma questão de emergência sanitária, não deixamos mesmo de espera(nça)r o fim da “pandemia” necrocapitalismo. Vocês sabem, não é?

Necrocapitalismo é uma palavra diferente e soa bastante intelectual..., mas ela vem nos falar sobre uma relação ignorante (no sentido do não-sabido, mas no de brutalismo) entre a morte e o capital. Enfim, tal pandemia está aí há muito tempo e não tem previsão de passar. As notícias que temos aqui é que no mundo dos sanguíneos terrestres continuam tratando como descartáveis as vidas as quais não são atribuídos valor. O Estado e o mercado, legítimos trocadilos, segue seduzindo o bicho homem para depois matá-lo.

Infelizmente não estamos trazendo nenhuma novidade nesse sentido. Evidente que vocês já devem estar cansados de saber disso e já devem ter lido em algum lugar, pois os cientistas adoram colocar isso em suas pesquisas. Imaginamos que muitos trabalhos discutem ou utilizam o capitalismo como objeto de análise. Que bom! Afinal, esse é o tempo que habitamos e só assim poderemos fazer outro tempo desse lugar de ruínas. Mas, anunciamos que precisaremos combater a matança enquanto criamos palavras. São muitas perdas, cada vez menos vida e sanguíneos pagando o preço das próprias existências por só terem a vida como capital.

Será que os cientistas estão ligados? Pedimos a vocês que não deixem esse tanto de textos e palavras escritas mofarem nos fichários, prontuários e serem engavetados. Aliás, nem gaveta tem mais, não é? Ouvimos dizer que até as prateleiras estão em extinção. Não vamos permitir que padeçam caindo no esquecimento dos arquivos mortos na biblioteca física ou virtual.

Não é nada contra a morte não! Nem contra arquivos. É contra a falta de emoção. Não somos contra a morte! Somos contra a matança. Não somos contra os arquivos, somos contra o engavetamento de vidas que ousam viver. Vocês devem saber, não é de agora que o Estado deixa morrer e mata, produzindo escravidão, marginalização, enlouquecimento... de uma gente não plugada ao capital, para quem não sobra nem as

prateleiras defasadas nesse nosso tempo. Com sorte, lhes restarão as gavetas, mas não das bibliotecas, e sim as gavetas de ferro, onde são colocados corpos mortos.

Não somos contra a morte, até gostamos dela! A morte é maravilhosa se bem vivida. Não esqueçam de transubstanciar, transformar os modos ser e estar, de escrever, de cuidar...

E cuidem-se para que não sejam só copiadores. Às vezes não é tão perceptível, mas é fácil entrar nesse lugar e, assim, se tornarem hipócritas, espertos ao contrário. Tudo isso faz parte da armadilha do trocadilo para fortalecer o seu poder, para as pessoas pensarem menos, se emocionarem menos, ou pensarem e se emocionarem rápido demais sem densidade e processualidade, até se tornarem seres que só fazem copiar e zapear.

Reconhecemos como boas algumas intenções da Universidade, da Saúde, da Assistência Social, da Justiça e todos esses serviços e instituições. Mas, não sejam otários e otárias, o poder se exercerá mesmo sem a histórica figura de um monarca, um rei para ditar. Abram suas janelas, deixem as andorinhas entrarem, abram-se para desterritorializar. Uma andorinha até pode fazer verão sozinha, mas é muito melhor quando se forma a dois ou em vários.

Ah! Queremos reforçar que as políticas públicas são muito importantes e que nós defendemos o SUS, o qual é direito de todos e todas e dever do Estado, não é? É fato verídico que por lei todas as pessoas possuem direitos iguais. Isso é bonito de falar, fácil de defender em qualquer lugar, enche os relatórios técnicos, pareceres, dissertações de mestrado... Difícil é saber o quê... difícil é compreender que, diferente desses direitos, as pessoas é que não são iguais. “Ninguém é igual a ninguém”, já anunciava a canção [...] “todos iguais, mas uns mais iguais que os outros”. Como pensar direitos iguais para pessoas diferentes?

Também defendemos os direitos humanos, mas estes são ingratos. Será que quem escreveu eles consideraram que pobre é humano? Por acaso vocês poderiam nos responder? Nós fazemos esse questionamento bobo porque não é toda gente que tem sua humanidade reconhecida. Algumas gentes são desumanizadas. E pobre é pobre, não importa o que se faça.

Por favor, isso tudo que estamos falando parece uma blasfêmia, esperamos que não nos compreendam mal, pois é com muito respeito que lhes escrevemos. Respeitamos a saúde, a ciência e os direitos. Estamos aqui para lutar por eles. Não queremos outros pretos

velhos e pretas velhas entregues ao desprezo dos arquivos mortos e nem que nossas crianças e jovens sejam mortos e mortas pela desigualdade, racismo e exclusão.

Prezados e prezadas, não pretendemos abusar, mas lhe deixaremos uma pista valiosa caso desejem não só copiar: aproveitem para delirar! Sim, delirem. Provavelmente vocês não serão internados a contragosto por isso. Aproveitem o privilégio que possuem, porque preto e pobre não podem nem imaginar. Delirem para romper com a lógica instituída, para se metamorfosear, se (a)peguem nesse flagrante delírio, de fabular. Tem um filósofo das palavras bonitas que escreve sobre fabulação, concordamos com ele que essa é a saída, que fabulando encontraremos novos conhecimentos e assim poderemos criar formas de existências e resistências para enfrentar os desafios (im)postos pelo agora.

Estamos construindo uma história vital desses tempos de perdas e mortes e contamos com vocês para manter acesa a chama desse encontro, que acende a memória da nossa gente ordinária brasileira.

Abram as janelas, estas não conseguem abafar os sintomas dos tempos mortíferos. Abram as janelas, não tem como ignorar os eflúvios, as exalações, pois o aroma ultrapassa e adentra até a barreira das máscaras fazendo nausear.

Abram as janelas e se deixem transbordar.

Abram as janelas e vamos voar!

Assinado:

Seu Cosme, Estamira e (a morte do) eu.

SUMÁRIO

Introdução	13
Imagem 1	18
Metodologia	19
Poesia 1	25
A Cientista	26
Imagem 2	32
O Arquivo Morto	33
Imagem 3	40
Preto Velho e Preta Velha: Estamira e Seu Cosme bicam-se	41
Imagem 4	51
A flor e a náusea	52
Da Cientista para Seu Cosme	58
Preto velho e Preta Velha: Estamira e Seu Cosme bicam-nos	59
Imagem 5	64
Mortos vivos, vivos mortos	65
Referências	67

LISTA DE SIGLAS

CAPS - Centro de Atenção Psicossocial. São serviços de saúde mental que fazem parte da Rede de Atenção Psicossocial e são responsáveis por oferecer atendimento e cuidado às pessoas com transtornos mentais graves, severos e persistentes, ou pessoas com necessidades decorrentes do uso de álcool e outras drogas.

Centro Pop – Centro de Referência Especializado para a População em Situação de Rua. É uma unidade pública de atendimento à população e faz parte da política de Assistência Social.

CRAS – Centro de Referência da Assistência Social. É uma unidade pública de atendimento à população e faz parte da política de Assistência Social.

CREAS – Centro de Referência Especializado em Assistência Social. É uma unidade pública da política de Assistência Social.

ESMA - Equipe de Saúde Mental e Matriciamento. São divididas territorialmente e realizam atendimento ambulatorial para a população adulta. Trata-se de uma configuração da política pública municipal da cidade Porto Alegre.

NASF – Núcleo de Apoio à Saúde da Família. São equipes multidisciplinares de profissionais de saúde que oferecem suporte e assistência aos profissionais das Equipes de Saúde da Família (ESF).

PRD – Projeto de Redução de Danos. Na cidade de Aracaju, é uma estratégia existente desde o final do ano de 2002, tendo o seu surgimento vinculado ao Programa Municipal de Infecções Sexualmente Transmissíveis, vindo a tornar-se componente da Rede de Atenção Psicossocial em 2009.

SUAS – Sistema Único da Assistência Social.

SUS – Sistema Único de Saúde.

USF- Unidades de Saúde da Família. São a porta de entrada para o sistema de saúde, fazem parte da Rede de Atenção Primária. São responsáveis por fornecer serviços de saúde de natureza preventiva, curativa e de promoção da saúde para a população local de um território adscrito de atuação.

ARQUIVO
I-N-T-R-O-D-U-Ç-Ã-O

[...] sintomas são como pássaros que vêm bater seus bicos no vidro da janela. Não se trata de interpretá-los. Trata-se, isto sim, de situar sua trajetória para ver se eles têm condições de servir de indicadores, de novos universos de referência, os quais poderiam adquirir uma consistência suficiente para provocar uma virada na situação.
(GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 222-223)

Entre assobios e cantorias, de longe, já se ouvia uma voz forte que, cada vez mais perto, se fazia: “*As andorinhas voltaram e eu também voltei [...] como andorinha voava sozinha... E eles achavam que sozinha ela não fazia verão, e como andorinha voando sozinha chamou batalhão... Voa andorinha...*”. A versão inédita da composição “As andorinhas”, de Alcino Alves (1985), cantarolada solitariamente por Estamira, ecoava forte como se fosse uma multidão a cantar. Versos novos modificavam a letra original da música e questionavam o destino costumeiramente fadado às andorinhas nas canções. Questionava também seu próprio destino e o de uma tal ciência do cuidar. Um corpo negro, um corpo de mulher, um corpo louco, um corpo miserável.

A vida de Estamira transformou-se em um documentário homônimo¹ em 2004, que foi lançado em 2005, tornando-se bastante destacado e premiado nos anos seguintes. Em 2007, foi lançado outro documentário, “Estamira para todos e para ninguém”, levando o seu nome, a sua história, produzido pelo mesmo diretor do primeiro, Marcos Prado. As premiações dos documentários Estamira, todavia, não lhe renderam privilégios durante a vida, embora o encontro entre ela e Marcos, a possibilidade dessa companhia, desse acompanhar, dessa problematização com imagens seja aqui lida como um privilégio, reverberando o choque (de realidade), o pedido por mais realidade, o choque de sua vida e de suas palavras que, nasce, para nós, “um certo efeito misto de beleza e de terror” (FOUCAULT, 2003, p. 206), produção de um choque de ver e ouvir uma vida destinada a “passar por baixo de qualquer discurso e desaparecer” (IDEM, p. 207), o privilégio de ter deixado um rastro breve, mas incisivo, em meio a um histórico de “rupturas, apagamentos, esquecimentos, cancelamentos” (IDEM, p. 209), uma reparaçãõ. Quando, em 2011, Estamira faleceu, jornais noticiavam a morte da catadora

¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=-wHISEEXMh4> e em <https://globoplay.globo.com/v/9063448/>

de lixo, da esquizofrênica², que teve a sua história relatada em documentário premiado. Estamira, sem destaques ou premiações, morreu aos setenta anos, após dois dias hospitalizada em uma unidade pública com uma infecção que se tornou generalizada, segundo informação divulgada pela mídia na época.

Uma reaparição. O documentário Estamira (2004) estava sendo exibido em uma aula do curso de Serviço Social, o ano era 2007. A catadora de lixo surge na tela sob o olhar atento da estudante dos primeiros períodos. A partir de um determinado momento, a exibição parecia que não iria acabar. Quanto mais ela falava, mais a sala ficava silenciosa e o tempo se demorava a passar. As cenas em preto e branco realçavam o escuro da sala. De repente, faltava cor. O barulho que aquela mulher fazia contrastava com o som da sala, emudecida. De repente, faltava palavra. Tudo em contraste: o silêncio e a vibração da sua voz, o escuro apático e a cor vívida da sua pele negra. Das palavras que faltaram nesse dia a uma voz que se perguntava: Como era possível tamanha lucidez saindo da boca de alguém considerada “*louca, doida, maluca, mas ciente e consciente*”, conforme expressava Estamira em suas próprias palavras?

No ano 2011, algum tempo após o encontro com Estamira, ocorreu o encontro com o Projeto de Redução de Danos³ (PRD) de Aracaju/SE, uma convocação à radicalidade para um olhar que horizontaliza as relações entre as pessoas, que considera todas as pessoas e cada vivente em sua singularidade. De acordo com a Associação Internacional de Redução de Danos (IRHA): “Redução de Danos se refere a políticas, programas e práticas que visam primeiramente reduzir as consequências adversas para a saúde, sociais e econômicas do uso de drogas lícitas e ilícitas, sem necessariamente reduzir o seu consumo [...]”. Tais ações são baseadas no compromisso com a saúde pública, com os direitos humanos e beneficiam pessoas que usam drogas, suas famílias e a comunidade.

O encontro com o PRD fora o primeiro cenário de trabalho após a graduação em Serviço Social, e foi também o encontro com muitas pessoas em seus territórios de e na

² Referente à esquizofrenia. “Os transtornos esquizofrênicos se caracterizam em geral por distorções fundamentais e características do pensamento e da percepção, e por afetos inapropriados ou embotados. Usualmente mantém-se clara a consciência e a capacidade intelectual, embora certos déficits cognitivos possam evoluir no curso do tempo. Os fenômenos psicopatológicos mais importantes incluem o eco do pensamento, a imposição ou o roubo do pensamento, a divulgação do pensamento, a percepção delirante, ideias delirantes de controle, de influência ou de passividade, vozes alucinatórias que comentam ou discutem com o paciente na terceira pessoa, transtornos do pensamento e sintomas negativos”. Fonte: http://www2.datasus.gov.br/cid10/V2008/WebHelp/f20_f29.htm Acesso em 8/7/2023.

³ Em 2011, a equipe contava com 11 agentes de redução de danos, um coordenador e uma apoiadora institucional.

vida, com os diferentes territórios geográficos, com as diferenças dos modos de ser e estar vivo. Trabalhar como agente de redução de danos é, sobretudo, assimilar e assumir uma postura ética e política fundamentada no respeito aos direitos (des)⁴humanos. Foi por meio do encontro com a redução de danos, no mesmo ano, que ocorreu o encontro com *Seu Cosme*, como era chamado o senhor José Cosme dos Santos, o qual, após uma internação de quarenta e cinco dias em uma clínica psiquiátrica, chegou ao PRD como uma demanda judicial.

José Cosme já era conhecido no Centro de Atenção Psicossocial, na Unidade de Saúde da Família (USF), no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) e no Ministério Público pelo seu “uso crônico de álcool”, pelas suas “ideias de grandeza”, seu “discurso cientificista e religioso” e a sua “baixa tolerância a frustração”, expressões que constam nos seus arquivos. O “caso” já havia chegado há muitos lugares, mas Seu Cosme, não. Quanto mais ele falava o que queria ou não queria, mais desaparecia, e o seu prontuário na sala do arquivo morto vivia. Até que um dia passou a habitar o arquivo morto conforme a sua enunciação. Um corpo negro, um corpo louco, um corpo miserável, um corpo caído no chão.

José Cosme dos Santos e Estamira Gomes de Sousa nasceram em épocas próximas: ele em 1937⁵, ela em 1942⁶. Ambos vivenciaram a ditadura militar, período histórico brasileiro - iniciado em 1964 com o golpe militar e que perdurou até 1985 - marcado pelo autoritarismo e repressão, ambos sofreram os efeitos da crise econômica e desigualdade social elevada nesse período, ambos enfrentaram dificuldades para criar seus filhos. Ela teve duas filhas e um filho vivos, ele teve dois filhos e uma filha, esta última criou sozinho desde os quatro anos de idade. Apesar da história de ambos possuir muitas singularidades, ele e ela não haviam se encontrado antes. José Cosme morou por um tempo no Rio de Janeiro, mas passou a maior parte da sua vida em Aracaju, capital de Sergipe. Já Estamira nasceu em Goiás, morou em Brasília e passou a maior parte da sua vida no Rio de Janeiro, mais especificamente no Jardim Gramacho em Duque de Caxias, onde se localizava o maior depósito de lixo da América Latina, desativado em 2012. Possuíam em comum a relação com os astros e espíritos, a cor da pele e, sobretudo,

⁴ No decorrer da escrita será tratada a importância do “des”.

⁵ Conforme consta em cópia de documento pessoal anexada em seu prontuário no CAPS e autorizado em vida o uso para essa escrita.

⁶ De acordo com a própria em registro por vídeo no documentário dirigido por Marcos Prado e produzido por José Padilha em 2004.

as suas vozes, que não se calaram, vozes que não se assujeitaram e que, mesmo, depois de mortas, ajudaram a compor os sons dessa escrita.

Como somos poucos ouvidores de vozes, sem termos ouvidos de escutar os ecos dessas vozes, ou, por meio de uma escuta surda (BAPTISTA, 1999), exercendo a tarefa política de mensurar “os males minúsculos das vidas sem importância” (FOUCAULT, 2003, p. 216), individualizando-as, suas vidas “são como se não tivessem existido” (FOUCAULT, 2003, p. 210), como se fossem indignas “da memória dos homens” (IBIDEM), a não ser para indicar limites não ultrapassáveis sobre pena de morte. Mas essa escrita desdobra-se da insistência de “ir escutá-las, lá ode, por elas próprias, elas falam” (IDEM, p. 208) e deixar-se afetar, emocionar com elas.

Aqui, afectos não dizem respeito a um sentimento pessoal ou uma emoção psicologizada; trata-se, ao contrário, “afectos são devires” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 42), “efetuação de uma potência de matilha que subleva e faz vacilar o eu” (IDEM, p. 21). “A origem das matilhas é totalmente outra que a das famílias e dos Estados e ela não para de trabalhá-las por baixo, de perturbá-las de fora, com outras formas de conteúdo, outras formas de expressão” (IDEM, p. 24). Assim, acompanhando o eco dessas vozes e dessas vidas, se quer “afirmar o processo contra qualquer estrutura e gênese, um tempo flutuante contra o tempo pulsado ou o *tempo*, uma experimentação” (IDEM, p. 56), um plano de escrita e de vida.

Num momento de necrocapitalismo, em que muitos corpos, por não valerem nada, valem mais mortos, os corpos de Seu Cosme e Estamira, em suas solidões povoadas - não povoadas “de sonhos, de fantasmas, de projetos, mas de atos, de coisas e até de pessoas. Uma solidão múltipla, criativa” (DELEUZE, 1992, p. 52), que lhes dá uma capacidade ampla de serem estrangeiros de sua própria língua e de seu próprio tempo -, retornam aqui em forma de escrita-encontro, corpos-pássaros a anunciar o sintoma desses tempos: a matança.

Sob o poder do capital em nosso país temos uma conjuntura que favorece e produz desigualdade social à medida que responde a uma encomenda neoliberal de lucro, estabelecendo uma relação íntima entre o Estado e o Mercado, na qual o primeiro empreende atos contínuos contra populações que devem desaparecer (BENTO, 2018). “Seria inocente este aniquilamento?” (BAPTISTA, 2020, p.181). É nesse contexto que emerge, em dezembro de 2019, a transmissão do novo coronavírus (SARS-CoV-2), causador da COVID-19, inicialmente identificado em Wuhan na China, sendo logo disseminado e transmitido pessoa a pessoa globalmente. No ano 2023, foi decretado o

fim da emergência global da pandemia COVID-19. Contudo, em decorrência da doença causada pelo SARS-CoV-2 ainda possuir transmissão sustentada, o status de pandemia se mantém.

Nosso tempo “pós”-covid 19 mostrou e segue apresentando duramente a exasperação das desigualdades sociais e a descartabilidade das vidas e dos viventes em nome da vida capital (PELBART, 2003). Mas não há outro tempo e lugar para habitar. Como fazer outro tempo e outro lugar desde esse lugar rarefeito, dessas ruínas? Nesses tempos perdemos muito, perdemos muitos, perdemos, seja pelo vírus, seja pelas políticas de morte cotidianas, seja pelo apagamento histórico das minorias - que não têm a ver com números, já sabemos, mas com a falha na aderência a um modelo de humanidade ou de identidade, à forma-Homem branco, adulto, europeu, habitante das cidades, consumidor (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

Quanto mais protegidos da ameaça corona vírus, mais distantes ficávamos uns dos outros. Máscaras, salvaram vidas, mas também fizeram eclodir o tempo de vozes e sorrisos sufocados por elas. De um lado, a produção de *fake news*, informação fraudulentas produzidas e veiculadas na mídia de forma massificada, aproveitava-se e segue aproveitando-se para cumprir a programação mortífera exercida pelo Estado⁷; de outro, as pesquisas científicas instalaram uma corrida em busca da resposta que neutralize a ameaça viral que modificou planejamentos de uma vida programada em todo o mundo, colocando nossos modos de pensar e agir em análise e os nossos modos de vida em discussão. É cada vez menos vida, em nome da forma-de-vida ativa neoliberal. Mas vocês estão escutando? Vocês estão pensando ou já voltaram para o (novo) normal?

Deste lugar de morte e de perda, duas andorinhas voltaram, batendo seus bicos em nossas janelas, convidando a fabular uma vida, um povo, uma escrita, uma pesquisa. Quem (o quê em nós) topa escutar seus (en)cantos?

⁷ Políticas de morte acionada pelo Estado para afirmar sua soberania.

Imagem 1



Arquivo pessoal: Fotografia da sala onde fica o arquivo morto num CAPS de Aracaju-Sergipe, tirada em 2023, de referência para o cuidado a seu Cosme.

ARQUIVO
M-E-T-O-D-O-L-O-G-I-A

[...] A criação se faz em gargalos de estrangulamento. [...] sem um conjunto de impossibilidades não se terá essa linha de fuga, essa saída que constitui a criação, essa potência do falso que constitui a verdade. É preciso escrever líquido ou gasoso, justamente porque a percepção e a opinião ordinárias são sólidas, geométricas. [...] Nada de abandonar a terra. Mas tornar-se tanto mais terrestre quanto se inventa leis do líquido e do gasoso de que a terra depende
(DELEUZE, 1992, p. 167).

Procurando saídas da posição de ressentimento e entorpecimento, assistindo adoecimentos, mortes, matanças e arquivamentos em nome da moral neoliberal, tateando linhas de fuga, não para fugir, mas para *andorinhar* e voar, nasce uma Assistente Social, trabalhadora das políticas públicas, uma especialista em saúde mental, uma gestora em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) III⁸, uma cientista andorinhando e alçando voos, buscando abrir asas, voar com as andorinhas para abrir também os caminhos, as possibilidades de criação e a emergência de novas conexões e outros modos de existência, capazes de romper com as estruturas convencionais e preexistentes. É que, nós, ouvidores de vozes andorinhas, “precisamos de uma dobra para onde nos retirarmos, mesmo que seja apenas por um pequeno lapso de tempo” (DOMENÈCH; TIRADO; GÓMEZ, 2001, p. 127); precisamos de um mínimo espaço para a vida se proliferar, um transbordo da vida para além da pele e da linguagem, humanas, um espaço-tempo no além-do-além. Precisamos habitar uma região limiar e um tempo intensivo onde se traçam as bordas do que somos; precisamos “enfrentar a linha do lado de fora. [...] alargar o que somos, dar-nos um outro corpo, com outro umbral de sensibilidade” (IDEM, p. 132).

Parafraseando Deleuze (1992), como para seguir respirando nessa atmosfera rarefeita, para não sermos mortas em vida, nos pegamos em flagrante delírio de ‘fabular’, utilizando a escrita, farejando movimentos de resistência de um povo da saúde mental, uma história do presente, uma memória vital de gente ordinária brasileira, gente morta pelo capital, gente que foi parar no arquivo morto dos serviços de saúde, mesmo que tenha virado documentário.

8 De acordo com a Portaria 336/2002, CAPS III é o serviço de atenção psicossocial com capacidade operacional para atendimento em municípios com população acima de 200.000 habitantes. Constitui-se em serviço ambulatorial de atenção contínua, durante 24 horas diariamente, incluindo feriados e finais de semana.

Potencializa-se a criação de vias de análise como abertura das formas por meio da aposta no documentário como uma força política que dobra “a imagem para que o texto, o evento não sejam mais a história de um indivíduo, mas para que ela passe a ser compartilhada e engaje múltiplas subjetividades em suas diferenças” (MIGLIORIN, 2010, p. 25), ou talvez fosse melhor dizer, para que o foco se dê no plano de produção de subjetividades, nas linhas que o compõem. “Então, se forma a dois ou em vários, um discurso de minoria [...]. Os povos não preexistem (DELEUZE, 1992, p. 157)”. Da mesma maneira, a verdade não preexiste, é algo a ser criada.

[...] O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas- para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas- mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. (DELEUZE, p.160, 1992)

Dois corpos negros não aceitaram se tornar palavras guardadas em efeitos de verdade, papéis esquecidos no arquivo morto e fizeram resistência a esse lugar em que historicamente são colocados tais corpos. Estes corpos convocaram a pesquisadora-cientista a dar corpo e língua para “tornar visível coisas que não seriam em outras condições” (DELEUZE, 1992, p. 158) e “dizer os graus últimos, e os mais tênues, do real” (FOUCAULT, 2018, p. 125). Mas, “como chegar a falar sem dar ordens, sem pretender representar algo ou alguém, como se conseguir fazer falar aqueles que não têm esse direito, e devolver aos sons seu valor de luta contra o poder? (DELEUZE, 1992, p. 56).

Tomando essa questão como guia, essa escrita é afeita à tessitura de uma contra-memória das práticas de cuidado em saúde mental. Ela debate-se com os estratos históricos, procurando linhas, dobraduras, afetos que ensejem devires antimanicomial⁹. Ela intenta criar um plano de experimentação e atualização: “o atual não é o que somos, mas antes o que nos tornamos, o que estamos a caminho de nos tornar, ou seja, [...] nosso tornar-se outro (DELEUZE, 1988, p. 86).

As entidades e identidades José Cosme dos Santos e Estamira Gomes de Souza se fazem intercessão, escrevem e vivem a pesquisa que aqui se apresenta. Com o auxílio de

⁹ Termo utilizado para pensar a processualidade desejante por si e mundos outros em expansão. Aposta ético-política-civilizatória desinstitucionalizante, que inverte o desejo capital de incluir, num movimento excludente, os loucos nesse mundo razoável (o que chamamos de inclusão social), para perguntar: em que mundos almejamos nos inserir? Estamos satisfeitas com este?

arquivos documentais, como prontuários, manuscritos, correspondências, relatórios, fotografias, gravações de áudio e vídeo, foi traçado um percurso metodológico com o intuito de dar forma à existência a partir do que já existe, para reinventar o real, fazê-lo arder, queimar com os restos e rastros da vida dessa preta e preto velhos, com imaginação, invenção e fúria que lhes eram próprias.

Assim, corpo e verbo fazem dobra, e convocam o delírio a transbordar os infinitivos com novas ideias e proliferações. Nesse espirituoso murmúrio de indagações, cartografamos o intempestivo jogo de afetos e produções desejanças, que fazem sentido na corda bamba entre o pensamento e a invenção. (FONSECA et al., 2010, p. 182)

Imersa nesse mar de afetações, como fluxos de intensidades, em conexões, a produzirem a realidade social (DELEUZE; GUATARRI, 1995), nasce uma escrita emocionada, em uma tentativa de “dobrar a linha, para constituir uma zona viável onde seja possível alojar-se, enfrentar, apoiar, respirar, em suma, pensar” (DELEUZE, 1992, p.138). E pensar não se limita a raciocinar, calcular ou argumentar, como nos foi ensinado (LARROSA, 2002). “Pensar é também operar por montagem, aproximar eventos, fatos, fragmentos, imagens e sons, possibilidade de uma memória se tornar um acontecimento” (MIGLIORIN, p. 12, 2010). Para “passar de um estado a outro: continuamos firmes na nossa ideia de que a emoção não pode ser definida como um estado de pura e simples passividade” (DID-HUBERMAN, 2016, p.38). A capacidade de pensar e de se emocionar implica em gestos e atos de metamorfose, dobrar a linha de si, (des)subjetivar.

Por meio dessa escrita, Estamira encontra Seu Cosme, tecendo uma vida que se pode e se faz em ato outra. Essa escrita, assombrada e tocada por essas almas tão vivas, insinua, dos resquícios de memória desses moribundos que foram mortos, brechas de uma vida e de redes outras: “há uma tendência crescente dos excluídos em usar a própria vida. Na sua precariedade de subsistência, como vetor de autovalorização. Seu único capital sendo sua vida, em seu estado extremo de sobrevivência e resistência” (PELBART, 2003, p. 22), suas vidas se fazem uma vida, vetor de existencialização, pequenos reservatórios de vida inventiva que contagiam e fazem rede. Marcados pelas torturas da miséria, destino dos não plugados ao capital, essas vidas insistem e nós insistimos em segui-las por meio dessa escrita.

Por meio da fabulação, constituiu-se a escrita passarinha: escrita-encontro entre dois mortos que insistem em perambular entre nós, anunciando o assombro dessa mornidão da vida capital e dessa matança toda que parecemos esquecer. Para fazer durar

a narrativa que germina do encontro com essas vidas moribundas e vitais, a cientista aposta na criação de um artifício e constrói uma contra-memória do cuidado em saúde mental, no qual ela teve que nausear para se deixar morrer, pois é próprio do plano da vida que ele fracasse, com ensinam Deleuze e Guattari (1997). Nesse jogo de vida e morte, a cientista fabula por meio de uma política de escuta de vozes uma análise social que é também uma análise da loucura, uma análise da saúde mental coletiva que tende a ser tragada pelo limite manicomial.

O conceito de Saúde Mental Coletiva, apresentado por Sandra Fagundes (2009), já em 1993, envolve a formação de sujeitos sociais que impulsionam mudanças no pensamento, sentimentos, práticas políticas, científicas e de gestão nas estruturas sociais. Este conceito busca orientar as abordagens em Saúde Mental para a extinção e substituição das práticas tradicionais por outras que colaborem e contribuam com a construção de projetos de vida e de revolver a vida apequenada, arejar sua terra. Corroborando com essa abordagem, as experiências de redução de danos abrem a possibilidade de experenciar uma nova forma de entrar em relação com as pessoas, valorizando suas singularidades e sua movência, pois é do vivo viver, metamorfosear-se.

Antonio Lancetti (2011) apresenta o conceito de ampliação de vida, “uma ponta de lança para desbravar um campo extremamente complexo” (p.85) que passa por pensar uma clínica na construção antimanicomial¹⁰. Essa clínica, que o autor chamou de clínica do desvio, busca superar modelos baseados na normalização e no controle dos indivíduos, identificando as relações de poder e as estruturas de opressão que podem estar envolvidas na produção do sofrimento psíquico.

Para início da ação, precisa-se da entrega do terapeuta à causa e da sua disponibilidade para trabalhar em ambiente não protegido. Essas duas fontes de poder são imprescindíveis à existência do terapeuta [...] sua ação será insignificante ou nada será se não se acharem imbuídos da atração pela loucura e pela impossibilidade e gosto de cuidar e produzir mudança. Da paixão pela diferença. (LANCETTI, 2011, p.103)

¹⁰ Termo utilizado para descrever uma abordagem crítica que busca a transformação e superação do modelo tradicional de assistência em saúde mental, conhecido como modelo manicomial, hospitalocêntrico ou asilar. No Brasil, o movimento antimanicomial impulsionou a criação da Lei 10.2016/2001, também conhecida como lei da reforma psiquiátrica, que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Ela estabelece princípios e diretrizes para a promoção do cuidado em liberdade, a garantia dos direitos humanos e a inserção social das pessoas em sofrimento psíquico.

As vozes de Seu Cosme e Estamira estão aqui, sendo expressas por ele e por ela, na forma das suas oralidades-poesias, registrando seus modos de estar na vida, ou na morte. Trata-se de uma pesquisa que abre caminho para a imaginação e utiliza o delírio, a poesia e a literatura como método para criar sentidos e narrativas que possam mover-se por entre as singularidades das existências, a singularização do existir. Nesses encontros e composições, vozes que não eram alucinações auditivas, mas alucinavam, insistiam, forçando e pedindo passagem (FONSECA et al., 2010). Vozes que já cartografavam linhas que estão aqui, inspirando e sendo inspiradas por uma ética que se construía também uma metodologia. “A cartografia evidencia-se, assim, como um método que não está voltado a apreender o que está dado, o Um, o Mesmo [...] um método que não busca tal apreensão como um ato de dominação” (Ibidem, p.176). Assim, vamos ao encontro do “irredutivelmente outro que nos desterritorializa” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p.349).

[...] precisamos às vezes inventar uma palavra bárbara para dar conta de uma noção com pretensão nova. A noção com pretensão nova é que não há território sem vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte. (DELEUZE, 1988)¹¹

Uma regra de prudência: é preciso colocar em máxima evidência que algumas vidas desviam mais que outras. São vidas desviantes do padrão social entendido como normal. São as vidas loucas, são as vidas usuárias de drogas, são as vidas em situação de rua, são as vidas doentes, são as vidas mulheres, são as vidas negras. São vidas infames, analisadas “segundo a grelha eficaz, mas sim da administração” (FOUCAULT, 2003, p. 219), são histórias transformadas em “casos” que indicam o limite do humano, a indignidade de uma vida; são vidas sobre as quais o Estado aproveita para acionar o seu poder e reinstalar sua própria soberania (BENTO, 2018). Nesse sentido, Berenice Bento (2018, s/n) propôs o conceito de necrobiopoder como:

[...] conjunto de técnicas de promoção de vida e de morte a partir de atributos que qualificam e distribuem os corpos em uma hierarquia que retira deles a possibilidade de reconhecimento como humano e que, portanto, devem ser eliminados em detrimento de outros que devem viver.

¹¹ Sobre o conceito de desterritorialização, em entrevista-vídeo, 1988. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DDvFOEBXji0> Acesso em 8 de julho de 2022.

Para a autora, se promover a vida está dentro da governabilidade do Estado, dar à morte também, pois não há como pensar em dar à vida e dar à morte separadamente. Assim, o Estado se torna agente fundamental nessa distribuição diferencial de reconhecimento da humanidade, mantendo a cultura política histórica de eliminação do outro desviante. Que existências são essas nas quais “o rosto, o corpo, a pele, a língua, atributos ditos humanos, não bastam para assegurar o direito à vida”? (BENTO, 2018, s/p).

Movida por tal questionamento, uma certa cientista resolveu pesquisar, abrir os arquivos engavetados nas salas e os arquivos da memória, abrir o seu corpo aos encontros, abrir as palavras, analisar, abrir as formas, pô-las a delirar, buscando o “*além do além*”, lugar onde, segundo Estamira, nenhum cientista chegou. E assim, essa cientista curiosa veio parar aqui. Como lhe disse Seu Cosme, “*a vida não é mesmo essa confusão cósmica?*”. Entre uma abertura e outra, abrem-se palavras. Dessa maneira, é possível escrever líquido ou gasoso (DELEUZE, 1992), para atribuí-las novos sentidos e valores, transvalorar uma ética e uma prática de escrita e de cuidado em saúde mental produtora de diferença, afeita à diferença.

Lembremos de Agamben quando diz que o Estado – e eu pensaria nos poderes – não sabe agir quando as reivindicações vêm de um lugar sem identidade, ou melhor, os poderes sabem lidar com as reivindicações que partem de um lugar definido. O lugar do documentário é esse lugar de indefinição, inapreensível. Dito de outra maneira: todo poder sabe lidar com o que ele sabe nomear. Todo poder sabe administrar as reivindicações daqueles que ele pode reconhecer como sujeitos de direito, mesmo que seja para dizer que eles não têm direito – ainda, agora, aqui. (MIGLIORIN, 2010, p. 9)

Ao mesmo tempo em que essa cientista, gestora e trabalhadora das políticas públicas transita por dentro das políticas e serviços de saúde mental, do aparelho de Estado, ao passo em que é capturada... ela também se questiona em composição com os corpos de Estamira e Seu Cosme, fétidos e morrendo, corpos velhos, fazendo viver e arder a realidade do cuidado em saúde mental coletiva. Essa escrita faz corpo com eles, opera por emissão corpuscular: “a questão não é a da organização, mas da composição, [...] é a dos elementos e partículas que chegarão ou não rápido o bastante para operar uma passagem” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 41). Essa escrita pretende dar passagem para vidas andorinhas.



O livro sobre o nada

[...] Sempre que desejo contar alguma coisa, não faço nada;

mas quando não desejo contar nada, faço poesia.

Eu queria ser lido pelas pedras.

As palavras me escondem sem cuidado.

Onde eu não estou as palavras me acham.

Há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas.

Uma palavra abriu o roupão pra mim. Ela deseja que eu a seja.

A terapia literária consiste em desarrumar a linguagem a ponto que ela expresse

nossos mais fundos desejos.

Quero a palavra que sirva na boca dos passarinhos [...]

... Não gosto de palavra acostumada.

A minha diferença é sempre menos.

Palavra poética tem que chegar ao grau de brinquedo para ser séria.

Não preciso do fim para chegar.

Do lugar onde estou já fui embora.

(Manoel de Barros, 2004)

A Cientista

Tem o eterno, tem o infinito e tem o além do além. O além do além vocês ainda não viram. Cientista nenhum viu o além do além. A gente fica formato transparente e vai, vai como um pássaro...
(ESTAMIRA, 2004).

... No lance de uma formação em Serviço Social, a cientista ouviu uma voz a qual nunca mais deixaria de ouvir. A voz surgiu em uma aula de Leitura e Produção de Textos, uma matéria do segundo período, cuja metodologia utilizada naquele dia foi a exibição de um documentário para a produção de um texto no modelo de fichamento. Assim, cada estudante faria uma análise do conteúdo exposto e exercitaria a escrita de fichamentos. Era a matéria preferida dela no semestre e alegrava-se ainda mais quando utilizavam recursos de vídeo. Nesse dia, não foi diferente, mas, ao terminar, ela não estava igual, estava impactada e um tanto confusa, sem saber se tinha compreendido, sem saber mesmo até o que havia compreendido. O texto foi produzido e entregue, a matéria encerrada. Encerrada? Talvez. Mal sabia ela que ali seria o começo de outras confusões, pois, agora ela estava cheia de questões: O que é ser louco? O que é ser normal? São opostos? São concomitantes?

Buscando caminhos, a cientista seguiu, passando entre tantas outras disciplinas, assustada e/ou admirada, almejando o dia em que estivesse formada. Nos estágios da prática profissional, a cientista se realizou, o primeiro na política de Assistência Social, em um Centro de Referência da Assistência Social, em que acompanhava, junto à sua supervisora, muitas pessoas e famílias em situação de insegurança alimentar e atuava na elaboração de relatórios sociais e pareceres. Foi a partir daí que a cientista tomou gosto por escrever. O segundo, no judiciário, em uma vara do juizado da infância e da Juventude, acompanhando crianças e adolescentes que cometeram ato infracional e as suas famílias. Nesse, impressionou-se com o poder do laudo, ao perceber que aquele documento utilizado para subsidiar as audiências poderia decidir os rumos da vida das pessoas.

Os cientistas da alma, ao contrário dos detetives, perseguem na criação do suspense e nas artimanhas para resolvê-lo [...] essas vidas infames arrancadas da noite, são respeitosamente apresentadas ao público em nítidas e conclusivas narrativas [...] seria o laudo um texto científico ou uma ficção policial? (BAPTISTA, 2020, p.190)

O último foi em um Serviço de Atenção Especializado para pessoas vivendo com HIV/AIDS. Lá, ela ficou até o último semestre do curso e inspirou-se para a realização da sua primeira produção ‘científica’, a pesquisa “AIDS e Pobreza: os desafios da adesão ao tratamento do HIV/aids para pessoas com baixos níveis socioeconômicos”, tema do seu trabalho de conclusão de curso. Parece que a cientista já havia encontrado uma grande inquietação.

Após um percurso de cinco anos, a cientista, enfim, recebera o seu diploma. Agora, munida de um aparato técnico e metodológico, estaria pronta para construir respostas que levassem à *efetivação dos direitos e da cidadania*¹². Em seguida, conseguiu o seu primeiro emprego, que não foi como assistente social, mas era na área das políticas públicas, no Sistema Único de Saúde, e lá foi ela satisfeita por poder entrar logo em campo para colocar em prática os seus conhecimentos.

Ela nunca tinha ouvido falar em redução de danos quando se tornou uma agente de redução de danos, mas longe disso ser um dilema, já que a formação não seria um problema, todos aqueles anos haviam levado a esse caminho e ela foi seguindo. A cientista é curiosa e passou a compor a equipe do PRD, vinculado à Rede de Atenção Psicossocial da Secretaria Municipal de Saúde. Aí foi que ela teve coisa para ouvir e ver. Ela descobriu uma diversidade de pessoas, de lugares e, principalmente, de olhares. Ela percebeu que o chamado ‘mundo das drogas’ não era esse anunciado na TV.

Não demorou muito para a cientista descobrir que também não estava tão formada como pensou. Os seus aprendizados lhes eram úteis, mas não sozinhos e cada ida ao território lhe atualizava o repertório. Não é único o motivo pelo qual as pessoas usam drogas, não existe um só caminho para as pessoas que não querem ou não conseguem deixar de usá-las. Ela compreendeu então que precisaria ter um repertório vasto, e constantemente em vias de ampliação.

Certa vez, a cientista reconheceu a voz do documentário que assistiu outrora e tudo passou a ter mais sentido nessa hora. Lá estava ela na tela novamente, Estamira, brilhante e reluzente sob olhar da cientista e dos seus colegas, em uma tarde de trabalho, dia de Educação Permanente. Enquanto Estamira falava, a cientista pensava. Como não ouvir essa voz gritar? Estamira faz com que as práticas de cuidado em saúde gaguejem: “Estamos trespassados de uma quantidade inútil de falas e imagens. A besteira nunca é

¹² “Os direitos do homem não nos obrigarão a abençoar as ‘alegrias’ do capitalismo liberal do qual eles participam ativamente. Não há Estado democrático que não esteja totalmente comprometido nesta fabricação da miséria humana” (DELEUZE, 1992, p. 213).

muda nem cega. [...] o problema não é mais fazer com que as pessoas se expressem, mas arranjar-lhes vacúolos de solidão e silêncio a partir dos quais elas teriam algo a dizer” (DELEUZE, 1992, p. 162).

[...] O que nos mobiliza nos documentários fundados na fabulação, no desejo de fabulação, nos acontecimentos de linguagem é a passagem entre atualidades que fazem sentir a multiplicidade, ou seja, entre indivíduos que dão a ver as possibilidades de criação que os ultrapassa. O outro se propagando no filme, o outro se inventando com o filme e com a memória. (MIGLIORIN, 2010, p. 16).

À medida que os encontros aconteciam, outras solidões, outras vozes surgiam e a invadiam. Sons inarticulados, barulhos e silêncios se misturavam. Questionamentos, dúvidas, músicas, poesias, melodias e os ritmos de cada pessoa por onde passou. Em um desses encontros que a história lhe tocou, conheceu Seu Cosme e de Estamira lembrou, do quanto ela lutou, enfrentou argumentos poderosos, contrariou certezas para viver as suas verdades. Ele parecia ter se inspirado nela e as suas vidas se achavam, em afluentes, fora da tela. No meio dessa impregnação sensível de vozes transbordantes, entre tramas, nós e pontas soltas, acompanhando as linhas, ora livremente, ora seguindo os pontilhados, outra questão surgiu: O que pode (ser) o cuidado dentro da produção de saúde?

O tempo foi passando e a cientista foi percebendo que não tinha como ser assistente social, e por assim dizer, defender os direitos humanos e a liberdade como valor ético central, sem ser antimanicomial, defender o fim dos manicômios, seja dos seus muros físicos ou dos muros da moral, efeitos do projeto desse Estado que mata, sociedade neoliberal, cujo máximo de investimentos é para o lucro do próprio Capital. Sociedade produtora de desigualdades e herança manicomial do Ocidente e do cristianismo organizado, a qual segundo Foucault (2018), estabelece “a tomada do poder sobre o ordinário da vida” (p.102).

Tal questão, tal aposta num cuidado antimanicomial impulsionou a realização de uma residência em saúde mental coletiva¹³. Com o propósito de aprender um pouco mais, em busca de mais formação, lá se foi a cientista voando em um avião. Cheia de borboletas no estômago, e com aquela sensação de frio na barriga, geralmente motivada por paixão, expectativa e, ou ansiedade, aconteceram os voos de uma cidade a outra, deslocamentos, desterritorializações... No sul do país, ela enfrentou o frio, porém, o que mais lhe chamou

¹³ No Programa de residência multiprofissional em saúde, à época vinculado ao Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde (EducaSaúde), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

atenção não foram os desafios, e sim as semelhanças encontradas. Encontrou outro sotaque, outro clima e há quem chame de outra ‘educação’, mas a mesma necessidade de lutar contra o inverno nas pessoas, para transformar essa sociedade de cultura colonial. Em que mundos queremos nos inserir?

Através do encontro com a residência multiprofissional, a cientista atuou em dois CAPS, em uma ESMA, e em um NASF nas cidades de Novo Hamburgo/RS, São Leopoldo/RS e Porto Alegre/RS, respectivamente. Na primavera, entre parques e praças, a cientista passava boa parte do seu tempo livre contemplando a paisagem, observando o movimento e escrevendo em seu diário de campo os sons que pediam passagem. Depois de um inverno tão frio, aquela diversidade de cores era a maior novidade. Ela, que não costumava sentir tanto a mudança das estações, também se metamorfoseou. Do ovo que nasce a lagarta que se transforma em pupa e borboleta virou. Junto com ela, mais uma voz chegou e perguntou: O que pode ser a metamorfose do cuidado em saúde mental?

Foi assim que as borboletas saíram do estômago e chegaram para participar dessa *viagem*. A cientista decidiu então voar na companhia das vozes dissonantes, que colocam em discussão formas instituídas de viver, constituindo outras maneiras de ouvir, ver e dizer. Assim, iniciou-se mais uma formação e uma trabalhadora em *saúde mental coletiva*, sendo conduzida por essas vozes, tracejando práticas em e de liberdade com elas. Cadernos, livros, portas, casulos e asas abriram-se durante esse processo. As vidas borboletas se tornaram tema do trabalho de conclusão da residência¹⁴ junto com a questão que já lhe era uma insistência: Como produzir um cuidado pautado na defesa da(s) vida(s), cuidado desviante, movimentado, metamorfoseado?

Após o terceiro verão, mas antes mesmo do outono se anunciar, ventos convidaram a cientista para voltar. Ela retornou trazendo a sua mala a transbordar, e olhe que uma parte do que levou havia ficado por lá. Assim que chegou, a cientista especialista foi trabalhar, coordenou um equipamento do SUAS. Não foi um período fácil, mas foi no Centro Pop que a cientista pôde mais uma vez se formar, conheceu muitas pessoas em situação de rua e as singularidades de vidas ainda mais diferentes da sua, enfrentou as desigualdades e viu outras maneiras de habitar a *mesma* cidade, desigual até em seu ponto de igualdade. As vidas borboletas seguiram a lhe acompanhar e, neste período, a cientista foi convidada para o seu trabalho de conclusão publicar. Também em companhia de

¹⁴ Trabalho de Conclusão de Residência intitulado “Vidas Borboletas: A produção do cuidado em saúde entre movimentos e desvios” (ALMEIDA, 2017), que inspirou o artigo (Des)territórios da Clínica: o alçar de vidas borboletas (ALMEIDA, VASCONCELOS, 2019).

múltiplas vozes, sons e voos, um capítulo de livro começou a se formar. Pouco tempo depois, ele estava lá, no livro “Vozes, imagens e resistências das ruas”. E foi com a ética do (des)território das borboletas que ela passou a voar mais alto.

É uma ética que emerge de uma sensibilidade ao intolerável do fazer-saber de um corpo alijado de sua potência para caber em formas político-culturais, institucionais e subjetivas-citadinas. Essa ética nos conclama a um silêncio povoado face às naturalizações e universalizações [...] conclama a força das narrativas locais e contingenciais como contramemórias a fazer frente ao perigo de se perpetuar uma história única dos nossos tempos. (ALMEIDA; VASCONCELOS, 2020, p. 281-282)

Em 2018, a cientista esteve coordenadora de um CAPS III para pessoas que enfrentam problemas relacionados ao uso abusivo de álcool e outras drogas. Entre flores e espinhos, fez-se uma primavera e logo um novo verão com outro trabalho na gestão, um CAPS na zona norte da cidade, onde a vida pulsa e as metamorfoses acontecem. Dos e nos arquivos desse CAPS, um reencontro aconteceu e a cientista avistou uma carta tão atual, mas de um tempo histórico que, arquivado, se perdeu. Por um tempo sua questão foi: Será que ele havia morrido?

Ela leu o texto “Noturnos Urbanos. Interpelações da literatura para uma ética da pesquisa”, no qual Luis Antonio Baptista (2010) fala sobre Maria Clementina Cunha que apresenta Florinda por meio de uma carta. Tal carta de Florinda, “[...] usada como instrumento cortante produtor de cesuras em uma história valente que segue reta a procura do fim” (p.187), não chegou ao seu destino, ao contrário, lhe serviram de prova da sua ‘loucura’ e de argumento para que ela continuasse presa no manicômio. Uma mulher negra que usou todo o seu repertório de quem não conhecia bem a ortografia das palavras, mas sabia como utilizá-las para externalizar a sua dor, revolta e o seus desejos de que pudesse respirar livre e sossegada.

A carta encontrada pela cientista agora coordenadora de CAPS lhe produzira um desvio. Aquele arquivo lhe apontava linhas de uma cartografia, de um porvir, mostrava como não poderia ser visto apenas como um mapa do passado, ao tempo que se fez devir.

Com certeza há meio, pela simples escolha das palavras, de produzir abalos, de desmentir as evidências, de inverter o habitual fio indulgente do conhecimento científico. Com certeza há meio de ir além da restituição morna de um acontecimento ou de um objeto histórico, marcando lugares onde o sentido se desfez, produzindo ausência lá onde reinariam certezas. (FARGE, 2009, p. 119)

E, diante do arquivo morto, ela também morreu.

Imagem 2



Arquivo Pessoal, 2021.

O Arquivo Morto

Não se ressuscitam vidas encalhadas em um arquivo. Isso não é motivo para deixá-las morrer uma segunda vez. O espaço é estreito para elaborar uma narrativa que não as anule nem as dissolva, que as mantenha disponíveis para que um dia, e em outro lugar, um outro relato seja feito de sua enigmática presença.
(FARGE, 2009, p. 117)

Em 2019, chega ao CAPS em que eu havia começado a trabalhar como gestora um documento da Promotoria do Cidadão, especializada na defesa do Acidentado do trabalho, do Idoso, Pessoa com Deficiência e Direitos Humanos em Geral. Ao visualizar a demanda e a solicitação de *providências quanto ao cuidado em saúde mental e proteção ao idoso vivendo em condições precárias de autocuidado, higiene e moradia*, o reconheci.

A cientista ainda não tinha certeza se era dele mesmo de que se tratava o documento, mas algo naquele momento a reconectou com essa história. Aquelas palavras de ordem, recheadas de efeitos de verdades, evocando algum tipo de salvação, trouxeram-lhe à memória a voz daquele senhor, o homem que não era otário.

Não conhecia a sua relação com esse CAPS, e até estranhei porque a classificação e o critério para o atendimento nesse serviço é que sejam pessoas com *transtornos mentais graves, severos e persistentes*. Outro critério é o território de moradia. Foi aí que, com o endereço sinalizado no Ofício, fui procurar pelo seu prontuário na sala do arquivo. Não o encontrei. Soube que provavelmente estaria junto aos prontuários inativos no arquivo morto.

Ela ficou muito surpresa com essa possibilidade de reencontro. Não pensou mesmo que poderia encontrá-lo ali, chegou a pensar que o documento havia sido entregue no CAPS errado, e que, talvez, este poderia ser do CAPS AD, para pessoas que enfrentam problemas relacionados ao uso de álcool e outras drogas. Afinal, essa já era a demanda que o colocava sob a luz da justiça.

Naquele mesmo período, em tempos de informatização, o CAPS estava iniciando a transição da digitalização dos seus arquivos e a utilização da ferramenta prontuário eletrônico. As informações, dados e documentos passariam a ser armazenados em outro espaço, agora virtual, com capacidade muito maior do que aquela sala com as gavetas dos

armários abarrotadas por já não caberem mais tantas pastas suspensas. Não só as pastas, é verdade. As pastas contêm as fichas cadastrais com dados pessoais, às vezes uma foto do rosto em tamanho 3x4, geralmente uma cópia do comprovante de residência e de algum documento com foto. Não em todas as pastas, porque existem pessoas que não possuem, mas todos são documentos considerados importantes para a admissão.

As fichas cadastrais ficam na capa e, seguida dela, vem uma segunda folha, essa, chamada de ficha de inserção e acolhimento, um instrumental padrão contendo diretrizes como histórico familiar, social e escolar, queixas, sintomas, o histórico clínico e psiquiátrico e, por fim, a avaliação atual. Tal ficha acaba se desdobrando em tantas outras, inclusive, pela necessidade de estar constantemente se fazendo e complementando, assim como a vida faz e refaz. Com o auxílio dessas informações é que se constrói uma proposta e pactuação com a pessoa que será a usuária do serviço, com a equipe do CAPS e com a rede familiar ou de apoio, pessoas que podem não ser da família, mas que possuem vínculo. A essa pactuação dá-se o nome de Projeto Terapêutico Singular, ou PTS, diferente para cada pessoa, por considerar as singularidades, rotinas individuais, horários, articulações em território, participação em grupos, oficinas, periodicidade dos atendimentos, bem como a avaliação da equipe. O nome é singular porque, apesar de ser um projeto de cuidado delineado para uma pessoa, ele não é individual, delinea-se uma produção coletiva, feita por muitos sujeitos em seus movimentos.

Aqui a cientista esqueceu de explicar que, mesmo sendo assim, diferente e singular, existe uma grande similaridade, ambos são parecidos quanto ao seu objetivo de estabelecer um plano, uma espécie de mapa que leve até o almejado cuidado. Ela sabe que tem um limite para esse mapa. E que o limite é justamente o muro institucional, pois os desejos e necessidades são parcialmente considerados quando inseridos na oferta e modulados dentro do plano possível dos serviços e políticas.

Não só as pastas e nem só as fichas enchem as gavetas. Elas estão cheias de papeis, mas, muito mais que isso, as gavetas estão abarrotadas de vários pedacinhos das histórias de vida das pessoas. Pedacinhos mesmo, no diminutivo, pequenas partes. Nenhuma quantidade de fichas ou papeis seria suficiente para contemplar o histórico ou a história de uma vida. Estão lá os seus projetos de cuidado, que, nem sempre são tão seus assim, mesmo sendo construído com elas.

Que bom que a cientista tocou nesse assunto, às vezes ela hesita em avançar, por captura. Ela não quer desqualificar o seu trabalho, mas a

intenção é justamente o contrário, questionar para poder qualificar. Mais adiante ela exemplificará.

É tanta vida compactada em folhas de papel que, de tempos em tempos, se faz necessário retirar o excesso de páginas, pela dificuldade de manuseio dos prontuários, bem como para fazer caber nas gavetas. Esse excesso é organizado por ordem alfabética em novas pastas e caixas, levados à outra sala onde também se encontram prontuários de pessoas que não estão frequentando o CAPS há pelo menos um ano, seja por falecimento, ou por outros motivos.

O arquivo morto, ao contrário do que o nome anuncia, possui muita vida, que chega a transbordar através do excesso dos prontuários, possui vivos os registros e fragmentos dos que morreram e possui ainda as memórias de gente que passou por lá e não permaneceu, mas segue vivendo, após alta do serviço, outros encaminhamentos, ou mesmo, gente que se perdeu no caminho, e ainda gente que simplesmente não aceita esse caminho e o fez outro.

Finalmente, após abrir muitas caixas, a cientista o encontrou. Lá estava ele, encaixotado e empoeirado, exatamente no arquivo morto, como uma existência *inessencial* em seu habitat historicamente considerado ‘natural’ em uma sociedade que aniquila as vidas ditas infames (FOUCAULT, 2003).

Brasileiro, nascido em 1931, solteiro, cursou todo o ensino médio, serviu ao exército e foi empresário de móveis. Com a crise de 1964, veio à falência. Acidentou-se e se aposentou. Essas informações estavam lá, sem tantos prestígios. De empresário para falido, de trabalhador para aposentado, de jovem para idoso, da vida para o prontuário e do prontuário para o arquivo morto. De José Cosme dos Santos para usuário. Após o resgate dos documentos e uma pasta nova, ele estava pronto para retornar ao arquivo, agora ao arquivo vivo. A demanda judicial lhe devolvera o status de vivo nos arquivos institucionais. “Vidas que são como se não tivessem existido, vidas que só sobrevivem do choque com um poder que não quis senão aniquilá-las” (FOUCAULT, 2003, p. 2010).

[...] o seu presente retorno ao real faz-se da mesmíssima forma segundo a qual tinham sido expulsos do mundo. É inútil procurar-lhes um outro rosto, ou suspeitar neles uma outra grandeza, já não são senão aquilo pelo qual se quis ajuizá-los: nem mais nem menos [...] não é compatível com nenhuma espécie de glória. (FOUCAULT, 2018, p.103)

Não o reconheceria através da foto colada na capa, pois a fotografia, que diz servir para a sua identificação, havia parado em algum tempo distante e já não o identificava.

Não tinha os cabelos longos como os de Sansão, o personagem bíblico que ele referenciava pela força que dizia estar nos cabelos, e ainda faltavam os fios de cabelos brancos. No mesmo documento, três fichas cadastrais diferentes, de anos e momentos distintos, 2009, 2011 e 2019, bem como três fichas de acolhimentos. Em nenhuma delas consta a sua participação durante a ocasião. Até 2019, um único registro da presença dele no CAPS. São dez anos entre os três acolhimentos, mas as informações não mudaram muito durante esse período. *“Apesar da investida da equipe técnica, o usuário não adere ao serviço, comportamento agressivo, resistente ao tratamento”*. Não dá para afirmar que essa é a frase mais repetida porque a narrativa da não adesão concorre com o *“uso crônico de álcool e o discurso cientificista e religioso...”*.

Nem a foto, nem o reiterado *comportamento agressivo* serviram para a cientista lhe identificar. Ela lembrou de Foucault, narrando no texto “A vida dos homens infames” (2003), o seu embaraço ao encontrar, mais de dois séculos depois, os arquivos na Bibliothèque Nationale. Lembrou-se de quando ele questiona sobre a *sorte ou má sorte* daquelas pessoas terem sobrevivido em documentos reencontrados, através de palavras que falam delas ou que elas já haviam pronunciado.

Constam, além das fichas de cadastro, de acolhimento e de evolução, muitos relatórios endereçados à justiça, uma carta assinada pelo usuário e dois endereços. Conforme os registros, o primeiro, que aparece nas fichas mais antigas, é o da sua própria casa que abandonou quando ocupou uma casa da sua filha, que já não morava mais nela, passando a estabelecer como a sua moradia.

Em 2011, utilizando um machado, José Cosme deteriorou a casa em que vivia à época, passando a ocupar e morar na casa da sua filha localizada em outro bairro nas proximidades. Esta casa se encontrava fechada. Ainda em 2011, durante o período de 45 dias em que ele ficou internado, sua filha, com o apoio do CRAS, através do benefício eventual para a aquisição de materiais de construção, começou a realizar uma reforma na casa. Mas, quando ele recebeu alta da internação, não deixou que a reforma fosse concluída, doando, inclusive todos os materiais. (Relato encontrado em prontuário)

Depois dessa temporada habitando o espaço arquivo morto do CAPS, ele foi retirado da caixa para participar de uma discussão de casos que aconteceria em uma reunião semanal de rotina. Fazia um tempo que eu não ouvia falar nele e um tempo maior

que não o via. Lá, ele era um caso de acompanhamento judicial, e a questão que se apresentava para o cuidado em saúde era o uso de álcool.

Encontrei com Seu Cosme pessoalmente apenas uma vez, em 2014, durante o período em que trabalhei como agente de redução de danos, mas foram muitas as vezes que parei para ouvir sobre ele nas reuniões de trabalho e até fora delas. Trabalhávamos em duplas, uma dupla como referência para cada distrito/região de saúde. Semanalmente nos reuníamos, as oito duplas e o coordenador do projeto, para compartilhar os relatos das idas à campo, discutir os casos, os processos de trabalho, as articulações e encaminhamentos. Foi em uma dessas reuniões que ocorreu o nosso encontro, através da colega agente de redução de danos apresentando o relato do caso, apresentando-nos aquele senhor que não gostava de tomar banho, que não comia carne de porco, que gostava de beber água da chuva, que não se separava da sua garrafinha, e, principalmente, que não permitia que lhe dissessem o que fazer.

No período citado, durante a atuação da cientista como agente de redução de danos, quando o conheceu, resgatou o encontro com Estamira e tudo o que ele lhe moveu.

Apesar de ele ter chegado ao PRD pelo “uso crônico de álcool”, a garrafinha da cachaça limpa muitas vezes era mais a sua companheira do que a própria cachaça, pois, ele podia não estar bebendo, mas a garrafinha estava lá. Nalva, a agente de redução de danos da área, tinha muito mais trabalho para explicá-lo que a água parada poderia facilitar a criação e proliferação do mosquito transmissor da dengue, do que, por exemplo, para lhe dizer que uma das estratégias de redução de danos é beber água. Certa ocasião, após algumas conversas sobre o reservatório de água da chuva, ela articulou para levar o agente de endemias do bairro em sua casa e, mesmo ele tendo o recebido cordialmente de início, não gostou da possibilidade de ser posto “veneno” [*sic.*] em sua água *sagrada*, colocando-o para fora aos gritos logo em seguida.

Símbolos, sinais, pistas demandam hermenêuticas a procura de mistérios e revelações; território fértil para a missão dos detetives, os da ficção policial ou os criados pelas ciências da alma. Na morada dos rastros, as histórias possuem um início, um meio e um fim, protegidas pelas janelas hermeticamente fechadas, local propício para o desvendamento da alma ou do crime. (BAPTISTA, 2010, p.190)

Depois que saí do PRD, em 2015, não tivemos mais contato, porém, as suas histórias me seguiam, retornavam constantemente à minha memória e corriqueiramente à

minha fala. Ele me acompanhava nas discussões de casos sendo uma inspiração para pensar e fazer um cuidado, uma proteção, uma clínica, uma luta por direitos, uma luta antimanicomial. Ele me inspirava - e inspira - a pensar a prática da profissional e estudante que eu fui, me transformando - e sou - em transformação. Seu Cosme foi uma das pessoas que me apresentou a ética e a política de Redução de Danos fora dos protocolos e livros. Para além das definições e manuais de redução de danos existentes, ele mostrou que existe.

O seu prontuário não era grande e nem tinha excesso de páginas, no máximo um excesso de fichas de acolhimento. Fui manuseando, tentando montar uma linha do tempo, tentando entender em que momento histórico Seu Cosme realizou acompanhamento no CAPS. Do início ao fim, o prontuário comunicava que as várias tentativas de o vincular ao serviço haviam sido “*sem sucesso*”, “*sem êxito*”. Ele realmente não fazia acompanhamento lá, mas o CAPS já o acompanhava por muito tempo, desde 2009. São vários relatos de visitas domiciliares, com idas à sua residência que se intensificavam de tempos em tempos, nos períodos que o seu prontuário passava junto aos ativos e não estava no arquivo morto.

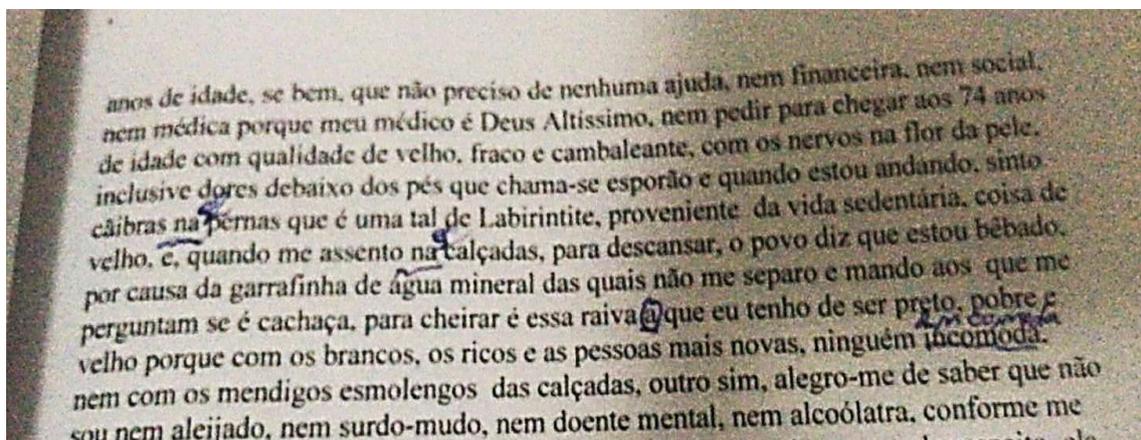
Segundo os relatos das visitas, na maior parte delas, ele recebeu os integrantes da equipe com atenção, mesmo que, respondesse de “*maneira hostil às investidas*” e até tenham ocorrido episódios dele tê-los posto para fora da casa. Era bem comum ele afirmar que poderiam ir buscá-lo como quisessem, mas ele não iria. Era comum ele repetir “*eu não sou louco*”.

Nos escritos sobre a alma humana, a razão médica, psicológica ou jurídica faz falar o que antes era um possível silêncio, um provável ainda não, um por vir, um nada, ou o que a luz da razão não suporta quando confrontada pelo seu próprio brilho. São textos de sequestro. (BAPTISTA, 2010, p. 181)

Seu prontuário é cheio de frases suas reproduzidas e descritas como foram faladas, ou gritadas. Nele, encontrei uma carta, datada do ano 2011, digitada em papel ofício endereçada ao Ministério Público do Estado de Sergipe, destinada nominalmente a uma promotora e assinada por José Cosme dos Santos. Ela era digitada, mas continha grifos e acréscimos feitos em letra cursiva de caneta azul com a mesma letra de quem a assinava.

A carta de *Seu Cosme* tinha quatro páginas, mas me causou o impacto de um textão, daqueles que a gente se demora, só naquele dia, passei horas lendo. Nela, ele apresenta a sua história, exhibe desde informações pessoais, como número de documentos,

até as suas relações sociais, familiares e ainda como se sente em relação aos direitos, à proteção e ao cuidado lhes oferecido, mesmo sem “*desejar ou precisar*”.



Fragmento da carta. Informação Pessoal.

Era mais que uma carta, era também um Projeto Terapêutico Singular, o seu PTS, uma proposta singular, sua, inclusive, com uma construção que parecia que ele havia seguido as diretrizes propostas na ficha de acolhimento. Ele escreveu para a promotora que não aceitava ser interditado, que “*outra pessoa se responsabilizasse por tudo (seu) antes da morte*”. Esse era o maior recado do remetente para a sua uma destinatária. Porém, para chegar nele, Seu Cosme foi dando tantos outros recados, haja vista, a carta cita outras pessoas e serviços públicos, como assistentes sociais, médicos, psicólogos, profissionais dos serviços que o acompanhavam, e que ele insistia em não ser acompanhado. Em um dado parágrafo da carta, ele faz um pedido de maneira ainda mais enfática, provavelmente no mesmo tom que lhe atribuía o adjetivo hostil e agressivo relatado no prontuário. Ele reforçava: “[...] *só quero que me deixem em paz, deixem cada um cuidar das suas vidas*”.

No ano que a carta foi escrita, 2011, eu não conhecia *Seu Cosme* e estava começando a minha vida profissional, na época, como agente de redução de danos. Nos conhecemos em 2014 e nunca soube dela. Tantos anos depois, me reencontro com ele, e me encontro com essa carta. Ele e a carta, ambos com marcas que vão sendo deixadas pelo tempo, guardados ou esquecidos dentro de um prontuário encaixotado no arquivo morto.

Imagem 3:



Fragmento extraído do primeiro documentário de Estamira produzido por Marcos Prado em 2004.

Preto Velho e Preta Velha: Estamira e Seu Cosme bicam-se

Pretendi que se tratasse sempre de existências reais; que se lhes pudesse dar um lugar e uma data; que, por detrás destes nomes que já não dizem nada, por detrás destas palavras breves e que podem na maior parte das vezes ter sido falsas, enganosas, injustas, exorbitantes, tenha havido homens que viveram e morreram, com os seus sofrimentos, as suas malfetorias, os seus ciúmes, as suas vociferações (FOUCAULT, 2018, p.94-95).

— Olha, uma preta!

Disse ele enquanto se aproximava devagarinho, segurando sua bengala, caminhando com dificuldade, aparentemente puxando uma das pernas. Ele tem cabelos brancos, pele negra, um olhar cabisbaixo e uma boca que carrega um sorriso maroto no canto, algo sarcástico, que eleva o olhar.

— Uma preta sim! E você um preto! Qual foi a novidade? Quem é você que eu nunca vi? Mas será o próprio *trocadilo*? ... Olhe... é por isso que nem rezar eu rezo e ainda anda me aparecendo assombração.

Rápida como um cometa ela reagiu, trazendo com essas perguntas uma certa chateação. Ela é uma mulher negra de olhos pretos, olhar penetrante e pele cheia de marcas, parecidas com rachaduras, que, em vez de frágeis ou quebradiças, compõem a firmeza dos seus passos e a força da sua voz. Ela tem uma voz que se revolta, que combate, uma voz que canta e cria.

— Óia como ela sabe!

Retrucou ele, sorrindo timidamente, e continuou:

— Gostei da sua prosa garota!

Fez um gesto de cumprimento estendendo a mão e ela retribuiu com a sua.

— Pode pegar, não tá suja não, é que eu trabalhei muito tempo no Jardim Gramacho, mais de vinte anos, minhas mãos carregam essa história. Mas me conte, o que foi que você fez para vir parar aqui? Qual é a sua história?

— Ahh, eu? Eu sou ela, eu sou a história. Eu vim de lá. Sou José Cosme, poeta, filósofo, livre pensador, sou discípulo de Platão, de Aristóteles, de Sócrates, de Confúcio, de Diógenes, de Freud e de outros mais...

Enquanto ouve atentamente, suspende a sobrancelha, franze a testa, ela não consegue disfarçar a expressão de deboche, mas, permanece em silêncio.

— Você não imaginava, né garota? A minha história é linda! E qual é a sua graça?

— Sei... Eu sou Estamira, visível e invisível. Nasci em mil novecentos e quarenta e dois no formato visível, homem par, mãe e avó. Agora eu sou formato invisível. Transbordei de ficar com raiva, transbordei de tanta mentira, com tanta *hinpocrisia*, com tanta perversidade..., mas, e o senhor filósofo, discípulo de sei lá quem, formato ímpar, Seu Cosme, né? É aquele Cosme, irmão de Damião?

— *Óia* como ela sabe! Muito bem garota! Eu tive um irmão gêmeo mesmo, ele chamava Damião, morreu quando era criança..., mas eu *tô* aqui, não morro não. Quem morre é otário...

Nesse momento, Estamira gargalhou, não conseguiu segurar o deboche contido minutos atrás.

— Olha seu filósofo, não queria te desapontar não, mas acho que você é otário..., não se preocupe não que a morte é maravilhosa, ela é a dona de tudo. E não *tô* falando dessas *hinpocrisias* e mentiras *charlatais* que dizem por aí não. É que a criação toda é abstrata... tudo é abstrato, a água é abstrata, o fogo é abstrato. Esse Deus mesmo que falam foi o homem quem criou... Estamira é abstrata... Seu Cosme é abstrato. Então... seja bem-vindo, otário!

Enquanto ela seguia rindo, os olhos de Cosme brilhavam ao ouvi-la falar e ele também sorria, amando tudo o que ela dizia. Ela achava que estava discordando dele, e ele gargalhando, não só com a boca, com o corpo todo, por ter encontrado alguém que finalmente o compreendia.

— Obrigado! Eu gostei mesmo da sua filosofia. *Tô* aqui desde o inverno de dois mil e vinte e um. No final de julho daquele ano, passei pelo processo de *transubstanciação*. Eu não morri não, eu só transubstanciei, por isso estou aqui. Eu, você, e, se não fosse isso, a gente não estaria conversando agora, não é? Eu já estava velho, com os ossos fracos... Foram oitenta e quatro anos lutando, trabalhando desde muito novo, trabalhei fichado, trabalhei no Exército, morei no Rio de Janeiro e fui empresário de móveis. Eu criei uma filha sozinho desde que ela tinha 4 anos, sabia garota?

— Garota??? ...Aqui não precisa ‘certas’ educação, *tá* mesmo achando que chegou no tal céu, foi??

Ela sorri e segue falando.

— Não carece me chamar de garota. Para dizer bem a verdade, a vida me obrigou a crescer rápido, eu não lembro quando pude ser garota. A vida é dura. A vida não tem dó não... Trabalhei desde criancinha dia e noite, minha mãe era perturbada, a bichinha.

— É, eu entendo, eu também fui apelidado de doido desde criança, desde pequeno, porque eu gostava de ler e, antigamente, quem estudava o povo dizia que iria ficar doido. E depois, com a revolução de 1964, na ditadura militar, quando veio a crise, passaram a me chamar de zé mané, alcóolatra, abilolado... Preto, pobre e doido, só isso, *tá bom?*

— Essa ditadura militar... diz que acabou, né? ..., mas nunca acabou não. Em 1986, eu escrevi uma carta para José Sarney. Eu falei: *“José Sarney, o número de civis é maior que os militares e os militares são libertos e os civis não são. Por que isso?”*. Preto, pobre e doido nunca saiu da ditadura não. Foi o que quiseram fazer comigo, mas eu, eu sou Estamira, sou a visão de cada um, eu não permiti. Só quando eu era indefesa, quando eu tinha 9 anos, eu pedi para o pai da minha mãe me comprar uma sandália e ele disse que só comprava se eu deitasse com ele.... com 12 anos me trouxe para Goiás Velho para eu me prostituir lá. Quando eu engravidei para parir o Hernani, o pai dele me levou para uma casa, mas ele era muito mulherengo, depois eu fui para Brasília e lá tive a Carolina, mas o pai dela também era cheio de mulher. Eu tive outra barriga de um que nasceu invisível. Foi só depois da separação do pai da Carolina que eu conheci o Senhor Jardim Gramacho e lá eu pari a Maria Rita.

Dessa vez foram os olhos negros de Estamira que ficaram reluzentes como a lua. Isso acontece sempre que ela fala sobre o Jardim Gramacho, em Duque de Caxias no Rio de Janeiro, onde se localizava o considerado maior depósito de lixo da América Latina, desativado em 2012.

— A única sorte boa que eu tive foi conhecer o senhor Jardim Gramacho, o lixão... Eu não gosto de chamar de lixo não, mas vamos falar lixo. Tem gente que não se *habitôa*, é tóxico. E eu amo como amo os meus filhos que eu também criei sozinha. E você? ...você é formato homem, ímpar, é pai... Cadê sua filha?

— A minha filha formou-se professora com vinte e dois anos. Hoje, ela é coordenadora. Sempre foi muito inteligente. Quando o Brasil completou quinhentos anos, ela escreveu um livro e ganhou um prêmio..., mas o povo nunca me deixou em paz, o povo não aceita um pai que cria sozinho a sua filha, com todo respeito... Nos anos oitenta, eu tive um Instituto de Assistência Teológica, para consciência de crença ao livre desenvolvimento religioso. Eu ajudava aos mais necessitados, dava cesta básica aos

carentes, tudo registrado nas atas da prefeitura ... e nem assim fiquei livre dos danos morais e constrangimentos.

— É por isso Seu Cosme que eu não acredito em nenhuma religião. Não tenho nada contra o homem que o povo diz que nasceu, ou que morreu por nós. Eu tenho é dó. Mas, que Jesus é esse? Que Deus é esse? Que é isso? ... Quem anda com Deus dia e noite larga de morrer?... Larga de passar fome? Larga de passar certos constrangimentos? Seu Cosme, o homem é o único condicional seja que cor for. Eu não gosto que ninguém *ofende* cores e nem formosura de ninguém. Essa *incivilização* é muito feia.

Seu Cosme e Estamira se entreolharam, seus olhos aguavam sem tirar o brilho. Antes das lágrimas transbordarem, ele fez uma piada.

— Olha, e ela tem pernas, né? Eu tenho cambitos. Olha para isso... e nós dois somos bonitos, pois feia é a *incivilização*, não é verdade? E você é preta, né? Eu não gosto de preto. Mas gostei de você.

As ofensas vivenciadas durante uma vida toda fizeram com que Seu Cosme assumisse essa narrativa. Ele passou a reproduzir expressões racistas toda vez que encontrava com uma pessoa negra. Os xingamentos, contudo, eram proferidos na sutileza de um sorriso que ele sempre deixava escapar.

— E tu se acha branco, né? É preto, pobre, doido e ainda otário - disse Estamira gargalhando mais uma vez e continuando a sua prosa.

— Para maluco você *tá* é esperto ao contrário. Também me chamam de louca, mas eu posso ser doida, maluca, *azogada*, porém consciente, lúcida, e ciente sentimentalmente, porque perturbada todo mundo pode ficar e se eu não soubesse distinguir a perturbação eu não era Estamira.

— E é? Sabia que Estamira significa esta maneira de olhar. Estamira. Esta mira... Seu nome é bonito e eu gosto de conversar com você, podemos nos sentar? Eu levei uma queda antes de vir para cá, tomei um chá de cana do brejo, mas meu joelho velhinho não consegue disfarçar.

Os dois se sentaram em um lugar que parece uma praia, ao menos um som de mar era ouvido entre as suas conversações. Seu Cosme estava admirado com o que seus olhos enxergavam. Pegou seus óculos no bolso da camisa, colocou-o no rosto, tirou.

— Eu uso óculos, mas eu vejo mesmo é sem eles... Que lugar bonito, hein? Faz tempo que eu não via o mar, garota. Vou chamar de garota porque a idade é só uma forma de ver. Eu transubstanciei com mil e treze anos, já viu? Um velho garoto.

Sorriram juntos. Estamira logo o convidou para se molhar. Ele rejeitou prontamente.

— Não, obrigado! Eu não tomo banho. Quem toma banho é otário.

- Mas como é que é? Essa é nova. Viveu mil e treze anos sem tomar banho? Ou só oitenta e quatro?

— Eu já tomei, mas parei. Meu cabelo era grande, minha barba... Eles que me fizeram forte como Sansão. Agora *tá* cortado, o povo se incomodava. Fizeram até minha barba para entrar no caixão. Acho até que é por isso que *tô* fraco das pernas.

— É que doido não tem de querer, né? Quando minha mãe foi internada lá no Engenho de Dentro, chamaram o médico com camisa de força. Coitada da minha mãe, inocente. Eu fiquei com dó demais dela, mas deixei ela lá assim mesmo. No outro dia, fui buscar. Ela não queria, não merecia ficar lá, até hoje me arrependo.

— Eu também já fui internado, passei uns quarenta dias em uma Clínica dessas. Eu tinha uns setenta e quatro anos, qualidade velho, com os nervos à flor da pele, mas não precisava de ajuda nem financeira, nem social e nem médica. A única coisa que eu tinha era esporão, umas cãibras nas pernas, coisa de velho, e mesmo assim me tiraram para doido, doente mental... e eu fiquei sabendo que o posto de saúde tinha todo um plano para se envolverem na minha vida, tudo isso por se tratar de idoso... Logo eu, que fui um dos fundadores do SUS. Sabe o SUS?

— Lembro de quando foi criado, mas não acredito. Isso é tudo invenção do *trocadilo* para enganar os *otários*.

— Eu respeito a Saúde. O SUS é o Sistema Único de Saúde, criado em 1988, junto com a nossa Constituição Federal. Foi resultado da muita luta e eu participei da reforma sanitária, que tornou a saúde um direito dos mais fundamentais. Com ele, o Estado brasileiro ficou responsável por garantir, de forma gratuita, a saúde para todos os cidadãos. Só que faz um tempo que começaram a me perseguir, o SUS, acredita?... Eu não sabia que o SUS existia para isso. Quiseram até me interditar, mas eu não deixei, escrevi uma carta endereçada à excelentíssima promotora e tenho ela até hoje.

A internação que Seu Cosme se refere aconteceu em dois mil e onze, foi em uma extinta Clínica Psiquiátrica em Aracaju/SE, desabilitada em dois mil e treze. Anos antes, entretanto, o seu 'caso', que já era considerado complexo, estava judicializado e já era acompanhado pela rede de serviços de saúde e de assistência social do município. Em dois mil e dez, já havia ocorrido algumas audiências sem a sua presença, pois ele se recusava a

comparecer. Em dois mil e onze, após internação compulsória, involuntária realizada através de determinação judicial, ele escreveu tal carta.

Excelentíssima, [...] venho, pois, mui respeitosamente, requerer o direito de voltar para minha casa [...]. Os doidos não assinam nada, o que também quiseram fazer comigo [...] me interditar e se responsabilizar por tudo o que eu tenho mesmo antes da minha morte [...] conforme fui informado também a minha casa derrubou, tentando reconstruí-la diferente através do KIT Construção [...] não quero mais ser perseguido pelos carros da Secretaria Municipal de Saúde [...] quando me assento nas calçadas, o povo diz que estou bêbado por causa da garrafinha de água mineral da qual não me separo e mando os que me perguntam se é cachaça para cheirar... Essa é a raiva que eu tenho de ser preto, pobre e velho porque com os brancos, os ricos e as pessoas mais novas ninguém incomoda. [...] com relação ao SUS, confesso que sou um dos fundadores, porém infelizmente o SUS agora só se preocupa com idosos. Por isso, eu durmo dentro dos matagais ou casarões velhos abandonados escondido para não me encontrarem, mesmo assim me procuram, como se eu tivesse praticado algum crime ou pedido para nascer. Mas, já que nasci, quero que me deixem em paz, não quero ser amordaçado como doido, alcoólatra o Zé Mané abilolado, por assim dizer ou me considerar. Também fiquei sabendo que o posto de saúde entraria em contato com o representante do CAPS com desejo de elaborar um plano de saúde psiquiátrico para que minha filha assumisse minha curatela, o que não quero, não aceito. Quero apenas que me deixem em paz e cada um viva sua própria vida sem se incomodar com a do próximo. (Fragmento literal da carta. Informação pessoal)

— Olha, para você ver, um homem como o senhor, que sabe ler e escrever, todo cheio das filosofias e entendido dos direitos. Mesmo assim, o *trocadilo* fez isso. Eu tenho raiva do *trocadilo*, não tenho raiva do bicho homem, tenho é dó. Homem também é bicho, mas é superior, o *trocadilo* fez isso também. Então raiva eu tenho de verdade é do trocadilo, do traidor. E aí? Algum desses médicos, cientistas, juízes ... leu a sua carta? Pois eu não acredito em nenhum, são todos copiadores, *hinpócritas*, espertos ao contrário.

Inconformada com as injustiças, Estamira as combate e faz questão de afirmar em sua voz, transformando fúria e revolta em potência que faz frente a qualquer problema. Seus questionamentos apontam as contradições do “bicho homem” e da sociedade.

Após um pequeno momento em silêncio, enquanto manuseavam a carta, Seu Cosme resolveu guardá-la, dobrando-a e a colocando na sua carteira, junto com seus documentos plastificados e o cartão do banco onde recebia seu salário, cartão que ele mostrava todo orgulhoso.

— Aqui, eu só tirava de cem no banco e a senha nunca dei a ninguém, nunca escrevi em lugar algum, guardava aqui ó.

Ele disse apontando para a cabeça, seguindo com a sua reflexão.

— A excelentíssima promotora leu a minha carta sim, depois ficou arquivada no meu processo, no meu prontuário também, prontuário que fala, né? Lá no CAPS, no posto de saúde, todo mundo viu. E eu não fui interditado não, eu sou livre, um livre pensador. Você tá impressionada, né?

— Pois te digo que o que você teve foi sorte. Esses doutores são excelentíssimos em ser copiadores, acham que tem um medidor que controla igual ao ferro que tem para passar lâ... agora tem o *reajustador* do pensamento, você não viu? E que CAPS? Isso para mim é tudo igual, são tudo da mesma quadrilha, eu cansei de escutar as mesmas conversas. Uma conversinha qualquer e só *copeiam*.

— Eu estava indo no CAPS. Eu ia lá para cantar e para contar a minha história. Estavam tão interessados que iam na minha casa me buscar com o carro da saúde. No começo, eu não queria ir. Foram foi muito na minha casa e eu botei para correr durante muitos e muitos anos. Tinham medo do doido. Vários carros da saúde me perseguiram, mas eu botava para correr. Mas teve um pessoal que ficou bem uns sete anos indo sempre à minha procura. Uma garota chamada Nalva, profissional da saúde, diz que de um tal PRD, às vezes vinha só e muitas vezes acompanhada... Nos últimos tempos, ela vinha com um garoto, o Nilton.

O trabalho da equipe de agentes de redução de danos de Aracaju é organizado prioritariamente através da divisão em duplas que atuam em cada território ou área adscrita. Nalva e Nilton eram a dupla de agentes de redução de danos de referência.

— Sete anos? E o que você fez?

— Deles eu gostava, quer dizer, fui gostando com o tempo. Eles não me sufocavam. A gente criou uma amizade mesmo, tanto foi que eles apareceram lá um dia com o povo desse tal CAPS e eu fui conhecer. Eu, ela e Marília de Dirceu. Marília eu não sei bem explicar, mas é uma garota muito educada que eu já tinha conhecido através de Nalva e agora estava trabalhando com o pessoal do posto de saúde. Nós fomos lá no CAPS e eu até gostei, mas fui pouco para lá porque logo eu transubstanciei.

Seu Cosme amava os livros e chamava Marília assim em referência ao romance de Tomás Antônio Gonzaga. Ela estava atuando como residente em saúde da família e comunidade, e já havia acompanhado o “caso” quando esteve residente no cenário PRD.

— Tá, entendi o porquê do otário... Você acha que estavam interessados na sua história mesmo? Eu já fui em um desses. A doutora me passou foi remédio para raiva. Eu fiquei muito decepcionada, muito triste, muito... Profundamente com raiva dela, ela me

ofendeu demais. E olhe que eu conheço médico, médico mesmo. Ela é copiadora, eu sou amiga dela, quero o bem dela, mas toda coisa tem limite. Eles estão dopando quem quer que seja com um só remédio. Ah, por favor, eu ficava era desgovernada, querendo falar sem poder, tinha vez que a minha cabeça parecia um copo de *sonrisal* fervendo... Parecia que eu *tava* drogada.

— Maconha?

Seu Cosme interveio perguntando.

— Não, o tal do Diazepam mesmo ... o que é que há rapaz? Isso não pode, como eu vou ficar todo dia, todo mês, pegando o mesmo remédio. Os viciados às vezes podem precisar.

— Quiseram me dar remédio, sempre me ofereciam, mas eu não tomo não. Quem toma remédio é otário. Nós temos todos os remédios de verdade na natureza, Deus deixou assim, para o cérebro bom é abóboda e para ter vida longa é preciso comer mamão. Esse era o meu remédio, junto com a clorofila, essencial para viver. Cana do brejo também é boa...

— Que Deus, o quê? Eu já falei que esse Deus foi criado pelos homens. Mas você deve estar falando do poder superior real que é a natureza. E remédio é o seguinte, se fez bem, melhorou, pára, dá um tempo. Se fez mal, vai lá, reclama porque quem sabe sou eu, quem sabe é o cliente. Esses remédios são da quadrilha da armação dos dopantes!

— Quadrilha de armação dos dopantes, *óia* como ela sabe. Gostei! Será que essa quadrilha canta e dança forró?

Disse ele, começando a bater as mãos e os pés sincronicamente ritmados e, na sequência, cantando a música xote das meninas, composição de Luiz Gonzaga e Zé Dantas, logo sendo acompanhado por assobios de Estamira.

— *“Mandacaru, quando fulorar na seca, é um sinal de que a chuva chega no sertão, toda menina que enjoa da boneca é sinal de que o amor já chegou no coração”* ...Tem que cantar, garota. Eu gosto de cantar, alegre a gente, né? A música é um remédio também, remédio da alma. Será que os cientistas sabem disso?

— Sabem nada. Eles acham que aprendem na escola... Eu sei que você gostava de estudar, mas me desculpa o que vou falar, a gente aprende é com as ocorrências, eu tenho neto que desde dois anos sabe disso.

— Muito bem, eu aprendi foi muito com as ocorrências, a vida é uma ocorrência. O povo acha que tem nos livros o que é melhor para os outros. Eu gosto de ler, tive livro

de toda qualidade, mas nunca quis me meter na vida de ninguém. Tem que ter respeito, né garota? Cada ser humano é único. Os seres humanos têm sete cores, igual ao arco íris, foi Deus que falou comigo, são sete cores e até Deus também tem diferentes cores e nomeações. Oxalá é Jesus, Ogum é São Jorge, são linguagens sul africanas. Eu já fui discípulo de religião africana... Seu Zé das Encruzas, preto velho de Angola, Oxalá e Ogum. Nessa época, o povo dizia que eu era doido porque pegava espírito.

— O povo também diz isso de mim, que eu tenho encosto, que é coisa de Satanás e que eu preciso de Deus para a minha salvação. Eu não preciso de ninguém, se eu fosse depender disso, eu não estava aqui. Eu já caí nessa conversinha, eu cheguei a renunciar, entregar minha vida para ele. Aí eu fui estuprada clamando o seu nome, adiantou? Foi então que eu comecei a revelar, em oitenta e seis, porque era muita coisa na minha cabeça. O cometa está na minha cabeça. Cometa significa comandante, achavam que o cometa não deveria procurar uma carcaça feia como a minha, mas minha missão é revelar a verdade, doa a quem doer.

A essa altura, Seu Cosme e Estamira já haviam transbordado “além do além”, já era visível que eles formavam povos. Andorinhas que “veranizaram” sozinhas por muitos verões, agora eram andorinhas voando em bando, povoadas. Os dois ainda não haviam se encontrado, mas já estavam juntos em afirmação ética-política de um desejo que não se assujeita. Estamira não se deixando comandar por uma mente de copiadores. Seu Cosme não se deixando interditar pelos excelentíssimos, poderosos da saúde, da justiça e da assistência social.

— Acham que eu sou feiticeira. Eu sou, feiticeira, mas não sou feiticeira *salafrária* e perversamente não. Sou ruim e não perversa.

— Eu também. Esse Cosme agora é discípulo da feiticeira Estamira. Gostei muito da sua proposta, você é uma filósofa também, como não? Os seres humanos precisam conhecer a sua proposta.

— Olha Seu Cosme, para mim a solução é fogo, a única solução é fogo, queimar todos os seres e colocar outros seres no espaço. Eu Estamira, eu não concordo com a vida, não vou mudar meu ser, eu nasci assim. Eu não aceito as ocorrências que acontecem com os sanguíneos terrestres. Eu não vou sucumbir aos astros negativos. Este astro Estamira não vai mudar o ser, não vou ceder meu ser a nada. Eu sou Estamira e está acabado.

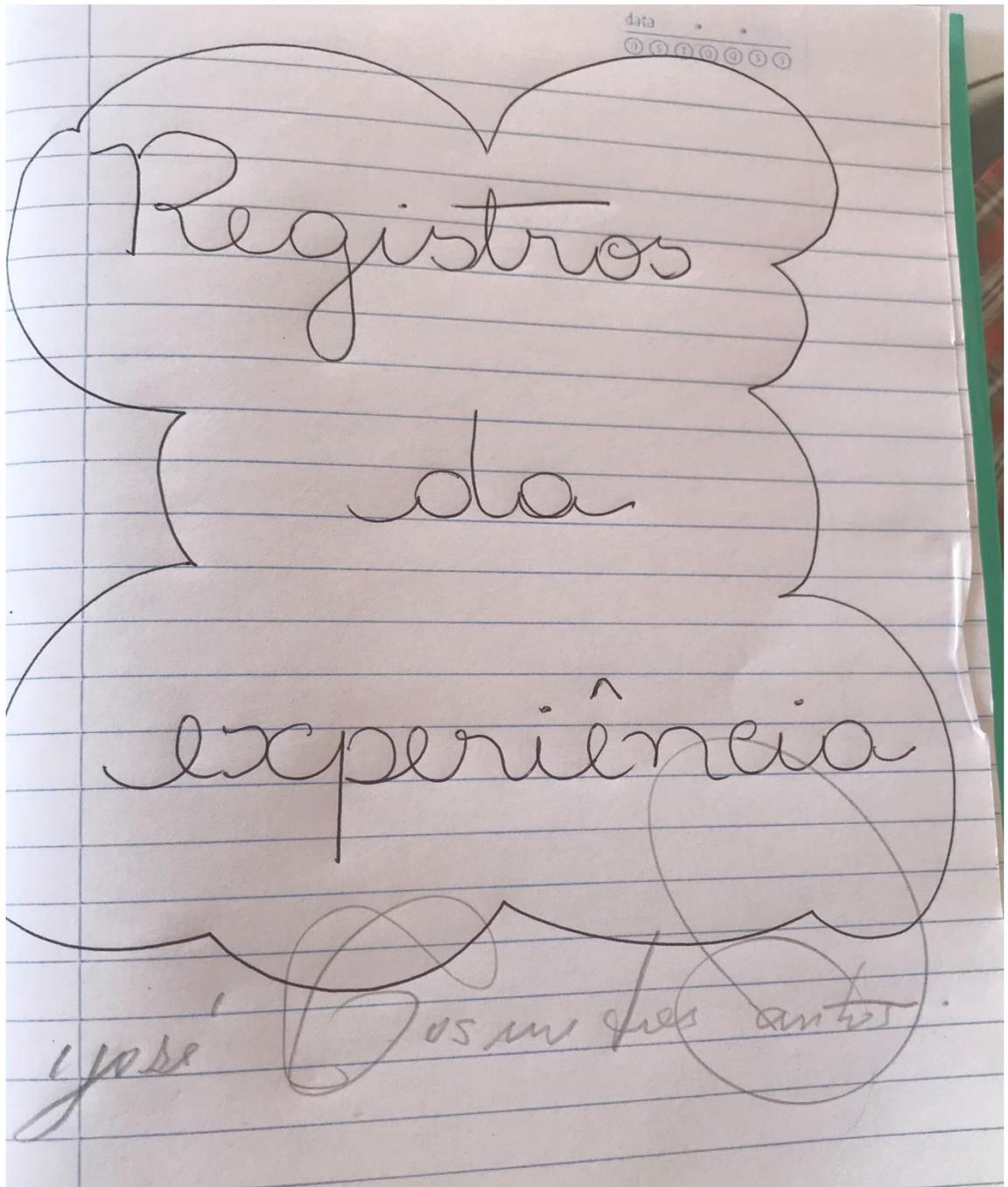
— Eu sou José Cosme, irmão de Damião, preto, lisonjeado como doido, poeta-livre, pensador.

— E é essa sua história, que é linda então?

— Claro, a minha história, que é a sua também... Essa história ainda vai ser inspiração para os cientistas. Eu fui convidado por uma, acredita? Eu a chamava de Laíse, outra garota. Eu *tava* indo encontrá-la no CAPS, ela ficou impressionada.

— Sabia, Seu Cosme, que tudo o que é imaginado, existe, tem e é?

Imagem 4



Arquivo Pessoal, 2021.

“A flor e a náusea”¹⁵

*Preso à minha classe e a algumas roupas,
vou de branco pela rua cinzenta.
Melancolias, mercadorias espreitam-me.
Devo seguir até o enjoo?
Posso, sem armas, revoltar-me?
Olhos sujos no relógio da torre:
Não, o tempo não chegou de completa justiça.
O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.
O tempo pobre, o poeta pobre
fundem-se no mesmo impasse.
Em vão me tento explicar, os muros são surdos.
Sob a pele das palavras há cifras e códigos.
O sol consola os doentes e não os renova.
As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.
Vomitar esse tédio sobre a cidade.
Quarenta anos e nenhum problema
resolvido, sequer colocado.
Nenhuma carta escrita nem recebida.
Todos os homens voltam para casa.
Estão menos livres, mas levam jornais
e soletram o mundo, sabendo que o perdem.
Crimes da terra, como perdoá-los?
Tomei parte em muitos, outros escondi.
Alguns achei belos, foram publicados.
Crimes suaves, que ajudam a viver.
Ração diária de erro, distribuída em casa.
Os ferozes padeiros do mal.
Os ferozes leiteiros do mal.
Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.
Ao menino de 1918 chamavam anarquista.
Porém meu ódio é o melhor de mim.
Com ele me salvo
e dou a poucos uma esperança mínima.
Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralisem os negócios,
garanto que uma flor nasceu.
Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.
Seu nome não está nos livros.
É feia. Mas é realmente uma flor.
Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.*

¹⁵ Título do poema de Carlos Drummond de Andrade de 1945, que compõe a coletânea Rosa do povo.

Em um CAPS para pessoas adultas com transtornos mentais graves, localizado na zona norte da cidade, área que abrange grandes regiões periféricas na cidade de Aracaju, me deparo com um caso que acabara de sair do arquivo morto. Já estava lá há um tempo por “*falta de adesão*”. Por se tratar de demanda judicial, periodicamente, são solicitados e enviados relatórios de acompanhamento. Próximo ao envio dos relatórios, mais uma reunião com a equipe da USF e do CAPS, a agente de redução de danos, a sua filha e netas, todas essas pessoas juntas, reunidas para avaliar as estratégias de cuidado em rede e para pensar propostas. Haja vista, demandas judiciais requerem encaminhamentos e geralmente respostas rápidas, pois estipulam prazos a se cumprir.

Chama a atenção uma palavra, que fora repetida mais de uma vez naquela ocasião, palavra essa que já havia sido ouvida em outros cenários na discussão do caso dele. “*Desumano*”. Foi considerado desumano o modo como ele vive sem tomar banho - para José Cosme, “*quem toma banho é otário*” -; sem pentear e sem cortar cabelos e barba, pois não queria “*perder a força*”; sem tomar remédios de farmácia, haja vista, ele tinha suas próprias dicas de saúde e ninguém ousaria duvidar que “*quem come mamão não morre*”. Desumano?

Nesse mesmo dia, após a reunião, foi realizada uma visita domiciliar. Na área externa, lá estava José Cosme dos Santos, Seu Cosme, que não havia comparecido à discussão das estratégias para o seu cuidado. Diante da porta, bastante mato cobria a fachada. Para mim, somente mato, mas para ele, plantas. Dali emanava “*a clorofila, essencial para viver*”. Ao me aproximar da deteriorada parede de blocos na entrada, um odor fétido invadiu minhas narinas, ultrapassando a barreira da máscara cirúrgica que eu usava. Era um cheiro tão intenso que senti seu sabor, ácido com toques amargos. Era o gosto vívido de uma vida em fermentação, vida que, como a flor feia de Drummond, crescia em cada detalhe daquele cenário, vida que se transformava, decompunha, impregnava e azedava. Pela primeira vez, em mais de dez anos de trabalho com políticas públicas, senti a necessidade de me afastar daquela cena, pois não conseguia mais suportar. Estava nauseada. O cheiro impregnado na máscara competia com os sons impregnados em meus ouvidos e as visões impregnadas em meu olhar. Desumano.

Fiquei um tempo do lado de fora. Nem caberíamos todas, afinal. Quando uma parte saiu, recebi novo convite. Arrisquei uma nova entrada e, com um grande sorriso, fui recebida por ele que percebeu que eu havia amarrado as pontas do vestido longo para não molhar. Consegui entrar. Observei uma corda de guaiamum bem perto da porta. Talvez ele tenha percebido que eu estava olhando e rapidamente me respondeu antes mesmo da

perguntar chegar: - “*Eu crio*”. Essa fala veio acompanhada da *normalidade* que é ter qualquer animal de estimação. Inclusive, um guaiamum havia saído da corda e seguia andando na casa enquanto conversávamos. Ele mostrou seu fogareiro elétrico portátil. Falou com satisfação que não precisava mais comprar botijão de gás para “*os espíritos levarem*”. Na mesinha em que estava o fogareiro, tinha uma garrafa vazia de cachaça aguardente, um pacote de açúcar - que gosta de comer puro - e uma comida com aparência de que estava ali há muito tempo e ajudava a compor o cheiro da casa. Nas despedidas, ele agradeceu a visita e topou ir *cantar* no novo espaço CAPS.

Saí da visita com a sensação de que o que ele deseja é simples, mas não para nós. Saí também da visita com a sensação de que o *caso* é realmente *complexo*. As sutilezas dos “tempos vividos e revividos advindos das intensidades das agruras e prazeres do dia a dia fugiam da visibilidade daquela iluminação” (BAPTISTA, 2011, p. 206-207). Depois da visita, muita coisa mudou em mim. Me senti menos humana, senti que um pouco de mim ficou lá, que morri um pouco, que uma parte dessa trabalhadora, com todos esses anos de experiência atuando com políticas públicas, tinha virado “arquivo morto”. Nada em mim estava morto e tudo em mim parecia morrer.

Com o passar dos dias, Seu Cosme compareceu ao CAPS acompanhado pelos agentes de redução de danos que o aguardaram em uma padaria próxima à sua casa na data combinada e seguiram no transporte institucional, uma van. Ele não parecia mais se importar com o carro da saúde. Mais uma vez, nos encontramos no CAPS. Eu, desempenhando o papel de trabalhadora na gestão, e ele, como usuário, apenas o espaço físico era novo. Mostrei a ele a carta de três páginas que ele havia escrito há dez anos, a qual estava anexada ao processo judicial e ao seu prontuário no CAPS. Ele prontamente colocou um par de óculos que parecia deixar sua visão mais embaçada. No meio do encontro, preferiu tirar os óculos, afirmando que os usava, mas também enxergava sem eles. Não conseguimos ler sem fazer pausas em cada parágrafo e, da minha parte, sem tremer em cada parágrafo, sem gaguejar em cada palavra, sem morrer e viver a cada linha lida, sem me questionar a cada olhar dele.

Tive a ideia de convidá-lo a trazer a sua voz para dar corpo a essa escrita e ele aceitou sem gaguejar, ainda que ela seja gaguejante. “[...] A questão primeira é a do corpo. O corpo que nos roubam para fabricar organismos oponíveis” (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p. 69), humanos e não-humanos. Ele ainda concluiu, afirmando que a sua história é *linda* e prontamente aceitou, mas já estava mesmo aqui. Desde 2011, (me) acompanha e faz parte desses processos, das metamorfoses dessa escrita viva que também se

transforma e está constantemente em vias de criação, sendo “capaz de criar novas coordenadas de leitura de realidade, [...] ruptura permanente dos equilíbrios estabelecidos” (ZAMBENEDETTI; SILVA, 2011, p. 457), diferindo das “caras acartonadas, das vozes impostadas dos técnicos, especialistas, pesquisadores e experts, que, crendo na posse da verdade, nunca tremem ou sequer sentem medo” (LARROSA, 2021, p.74).

Assim, constituiu-se essa escrita “lacrada, molhada, selada de medo”, para “deixarmos de coisa e cuidarmos da vida” (BELCHIOR, 1974). Escrevi com o medo, que fez parte das emoções intensas vivenciadas durante o curso da pandemia, medo que captura, mas também convoca a escrever e perguntar: que ativações de verdades e de mentiras a pandemia poderia produzir? E esse texto? O que nascerá, morrerá ou sobreviverá? Uma ressalva: fabulação, é só o que salva. “Dizer ‘a verdade é uma criação’ implica que a produção da verdade passa por uma série de operações que consistem em trabalhar uma matéria” (DELEUZE, 1992, p. 157). “A questão não é tanto convencer, mas ser claro. [...] impor os ‘dados’ não só de uma situação, mas de um problema. Tornar visível coisas que não o seriam em outras condições. [...] uma vez colocado o problema, ele não pode ser eliminado” (IDEM, p. 158).

Em junho de 2021, no CAPS, seguíamos enfrentando a chamada segunda onda, movimento cíclico da pandemia em que a população atingiu um segundo pico de infecções, da pandemia, e insistíamos em criar rupturas para passar por ela sem nos afogar. Apesar do contexto, tivemos um mês junino animado, repleto de encontros, conversas, cantorias, danças e de registros para a pesquisa¹⁶. Seu Cosme não desgrudava da pasta classificadora e do caderno com a sua foto, tirada na festa junina do CAPS, o qual combinamos que seria um diário de experiências. Ele não escondia sua empolgação para colocar a sua história *linda* no mundo, muito embora essa sua história já estivesse sendo escrita no mundo há 84 anos.

Inesperadamente, em julho do mesmo ano, o caso foi para o arquivo morto, não mais pela falta de adesão, agora pela *transubstanciação*, como ele mesmo enunciava. Seu Cosme caiu, seus ossos seguiam intactos, mas a queda de alguma forma havia lhe quebrado. Após uns dias mantendo-se calado, na cama mesmo, pediu um chá de cana do brejo, fechou os olhos e, desde então, pôde conversar com *Deus* sem ser acusado de louco, alcóolatra, abilolado.

¹⁶ Filmagens, escritos e conversas registradas, buscando produzir um banco de dados e memórias dos encontros com José Cosme dos Santos, após ele ter ciência e autorizar verbalmente a pesquisa.

Nesse momento, Seu Cosme e Estamira aproximam-se ainda mais, duas pessoas negras, pobres e diagnosticadas com transtorno mental que morreram sem permitir que assujeitassem os seus desejos, seguiam descapitalizados, em devir, em “processo do desejo” (DELEUZE; GUATARRI, 1997). Duas pessoas que viveram conforme as suas verdades, impondo os seus limites; duas pessoas que colocaram em questão a nossa vida capital, anunciando e denunciando a inversão de valores da nossa sociedade, convidando a transvalorar, a um transbordo da moral de nossa época, a dizer não a ela.

Foi tornando-se “arquivos mortos” que, Seu Cosme e Estamira e eu, fabulamos uma memória vital. Das composições clínico-poéticas a uma cartografia da loucura, dos elementos loucos que há no trabalho de criação de si, fazemos um convite ao abrir-se às manifestações da vida e ao ferir-se de realidade, abrir-se a uma vida que esteja cheia de vida (LARROSA, 2014), dar língua e corpo a (nossas) vidas andorinhas.

[...] os aparentemente são, portanto, os normais e normalizados, serão deslinguados, os que não param para pensar, os que falam e pensam automaticamente, gregariamente, os homens e as mulheres do rebanho, os que não podem viver senão no asilo das corporações, dos agrupamentos, das instituições, dos coletivos (LARROSA, p.91, 2014)

Pode um *louco* propor um tratamento? E, sendo essas pessoas diagnosticadas com transtorno mental, um preto e uma preta velha, pobres, podem eles, por eles mesmos, anunciar o que é cuidar? Compartilho várias perguntas, pois foram elas que trouxeram essa escrita aqui e, por meio desse mapa, sigo um percurso entre conexões, experimentações, vozes, histórias, encontros e gentes. Trata-se do *além do além*, como diz Estamira (2014), que transborda à pele viva, uma escrita bordada com o corpo cientista e tecida com linhas que fiam ponto a ponto “o zig-zag do tormento, as cores da alegria”¹⁷ do próprio tear da existência, uma escrita que pretende não ser “*otária*”¹⁸, escrita essa em processo de “*transsubstanciação*”, um processo de transmutação de uma coisa em outra, segundo a fala de Seu Cosme (2021).

É uma escrita povoada, uma escrita coletiva, constituída por gente que movimenta e faz escolher seguir esse caminhar, mas gente que, sobretudo, faz duvidar dos caminhos. Gente que faz parar e pensar, que esvazia as certezas, ao tempo que enche e faz transbordar. Gente que “quer comer, quer se feliz, que é para brilhar e não para morrer de

¹⁷ Referência à composição “A linha e o linho”, de autoria de Gilberto Gil, lançada no álbum intitulado Extra, de 1983.

¹⁸ Referência à fala de José Cosme dos Santos, 2021.

fome”¹⁹. Gente que me traz de volta à academia, gente que a faz questionar e pesquisar. Gente que, mesmo depois de se tornar arquivo morto, segue voando como pássaro, gente andorinha.

¹⁹ Referência à composição de Caetano Veloso de 1983.

Aracaju, 31 de julho de 2021.

Seu Cosme,

quer dizer que quem morre é otário?

A gente combinou tantas coisas para os próximos dias...

E agora?

Você me disse que a sua história é linda (e eu já sabia)

Combinamos de escrevê-la para “colocar no mundo”.

E agora?

Desde que você caiu na semana passada, percebi que muita coisa caiu.

Os ossos seguiam intactos... a queda havia te quebrado de alguma forma.

E agora?

Te vi tão debilitado, mas confiei que nada aconteceria.

Porque você me disse que quem comia mamão e mocotó tinha vida longa...

E agora?

“Eu não imaginava” garoto...

Não imaginava que agora seria.

Você me falou que viveria 1013 anos.

Você também me disse que não poderia contar todos os segredos.

Estes você contava para as suas plantas.

Precisava ser agora?

Vou parar. Estou parecendo uma otária, não é?

Já te imagino dizendo “óia como ela sabe!”

Apesar dos meus questionamentos, confio no que me ensinastes.

Sabe? És o maior “poeta-filósofo-livre pensador” que já conheci.

Sei que apenas está no processo de transubstanciação.

Aproveite para conversar com “Deus” de pertinho.

Agora ninguém mais questionará o seu discurso cientificista e religioso!

Seguirei daqui com a missão de compartilhar sua linda história.

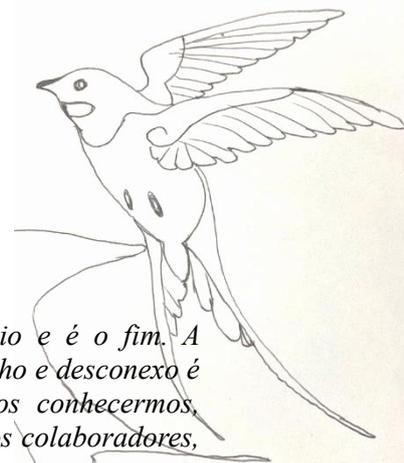
Combinamos de um jeito que precisou se transformar em outro.

E essa história, assim como a vida segue aqui, encontra seus fluxos...

Assinado: A cientista.



Preto Velho e Preta Velha: Estamira e Seu Cosme bicam-nos



[...]... *A lei eterna é cósmica. É única. É princípio e é o fim. A transgressão é a própria lei. O que vos parece estranho e desconexo é que mais nos toca e que nos dá o direito de nos conhecermos, significando assim, dos estranhos amigos, dos amigos colaboradores, todos numa só tarefa [...].*

(Arquivo pessoal registrado em vídeo, José Cosme dos Santos, 2021)

— “Buscando é que achamos, caindo é que nos levantemos, parando é que também continuamos a marchar. A vida se apresenta assim, com seus eflúvios ignorados”

... Tá vendo esse poema? Fui eu que fiz.

— Nunca ouvi falar nisso! Eflúvio?

— Eu gosto das palavras. Às vezes, eu fico procurando no dicionário, foi assim que encontrei essa. Eflúvio é a exalação que vem dos corpos dos homens ou outros animais, o aroma, o cheiro. As pessoas deveriam parar de ignorar os seus aromas, afinal, o nosso perfume natural é o suor, não é mesmo?

— Isso é bonito mesmo, mas as pessoas, elas não *reconhece* elas mesmas. Hoje em dia não pode suar. Foi combinado que *vos alimentai* o corpo com o suor do próprio rosto. Mas não foi com sacrifício. Sacrifício é uma coisa. Trabalhar é outra. Trabalhar, não sacrificar. Eu não *tô* orientando ninguém e não quero orientar, mas *tô* alertando. Eu revelei, o que preferem é não suar, e sim, se sacrificar. Não dá para entender.

— O suor fede, né? O sacrifício não tem cheiro. Nem todo mundo está preparado para sentir o cheiro da vida, os eflúvios... eu não disse?

— Ah, então por isso o senhor não toma banho?

— Não, mas quem sabe... Toda pessoa tem seus segredos, esse é meu. É dentro que nos encontramos. E... antes de eu transubstanciar, me deram banho, então deve estar tranquilo para você!

Ele falou soltando, uma gargalhada.

— *Tá* tranquilo, mas eu sou *habitôada* com todo tipo de cheiro, sou acostumada até com cheiro de lixo, que dirá de suor. O que as pessoas chamam de lixo, eu chamo de descuido, restos ou descuidos. Eu acabei me acostumando com o mundo animal.

— Boa garota, eu *tô* compreendendo. Sabe, a minha casa foi condenada pelos órgãos públicos, foi condenada porque exalava o aroma da vida. Disseram que uma parede estava para cair. Ironicamente, eu caí antes da parede. Caí feito um bicho na própria armadilha que eu usava para pegar ratos, você imagina?

— É, mas é isso, não te falei que o homem também é bicho! Só que foi revelado como o único condicional. E você ficou lá preso?

— Eu *tava* indo para o CAPS. Eu *tava* gostando, respeito a saúde. Disseram até que iriam comemorar meu aniversário de oitenta e cinco anos lá, com a temática dos filósofos. Mas nesse dia da pega ratos, uma armadilha adesiva que eu deixava para pegar ratos e ratazanas, eu estava indo fazer atividades. Eu via muita gente doente lá, me dava muita pena. Pois...eu estava esperando aquele pessoal do PRD me buscar em casa, mas, quando eles dois chegaram, Nalva e Nilton, eu já tinha caído. Eu *tô* velhinho garota, meus cambitos não me acompanhavam mais. Daí para frente eu andei de ambulância, fui atendido por muitos doutores, e sentia que já podia transubstanciar.

— Doutores? Ah, já falei, nem vem com esse papo! Adianta você saber ler e escrever e não saber o quê? E, me diga uma coisa, por que você chama morrer de transubstanciar?

— Não, não é morrer não. É transmutar. Estamira, a imortalidade está onde se quer que esteja, que a crença se coaduna aos ensejos da virtude e essa *coadiu* ao meio. Mentindo é que blasfemamos, blasfemando é que pecamos, daí é que nos vem o direito de nascer. Entendeu? Se não fosse assim, não estaríamos aqui. Tudo o que é bom também pode ser ruim e assim também é ao contrário.

— Mas isso é o *trocadilo*, *esperto ao contrário*! O bicho homem não era para ser otário. Quem revelou o homem como o único condicional não ensinou a trair, a *homilhar*. Ensinou a ajudar... As doutrinas erradas, trocadas, ridicularizou os homens. Fez dos homens pior do que um quadrúpedes. Então, deixasse os homens como antes de ser revelado o único condicional. Isso me dá tristeza, vergonha, nojo.

— Calma, calma garota. Não perca ela, a esperança. A esperança é companheira afável do tudo e somente ela nos estimula para o enobrecido.

— Esperança? A minha esperança sou eu. Esta mira, *está* mar... Esta serra, os morros, as montanhas, paisagem. Minha missão é capturar a mentira e tacar na cara. Ensinar a mostrar o que eles não sabem, os inocentes. Não tem mais inocente, tem é *esperto ao contrário*.

— Minha missão é ser livre pensador. Sou um preto, velho, qualificado como louco por causa do meu discurso cientificista, religioso, místico e confuso. Isso ficou registrado em meu prontuário e eu acho mesmo é engraçado. A vida não é mesmo essa confusão cósmica?

— Não sei, eu só sei que eu enchi! Ah, eu transbordei, transbordei de raiva. O *trocadilo* seduziu os homens, mentiu para os homens. Hipócrita, canalha, indigno, incompetente. Sabe o que ele fez? Até depois da carne, *veinha* desse jeito, boba desse jeito, ele quer mais.

— Então quer dizer que você também é uma preta velha! Não é mesmo?

— Uma preta velha legítima e qualificada como louca, sim senhor. A doutora me perguntou se eu ainda estava escutando as vozes que eu escutava. Mas ora que pergunta! Eu escuto mesmo, escuto os astros, as coisas, os pressentimentos das coisas. Eu não sou um robô sanguíneo, eu sou Estamira.

— Que bonito isso, você e esse sincretismo. Eu gosto de sincretismo, estudei muito teologia e sincretismo religioso no meu instituto teológico cristão.

Seu Cosme criou uma Instituição de Assistência Teológica, que também chamava de Igreja Frateriânica Mundial. Segundo documentos disponibilizados pelo mesmo durante a escrita, o ano de fundação da Instituição é 1985. Em suas palavras, José Cosme identificava-se como fundador da igreja, membro e fraterenteuólogo.

— Bonita a sua fé em tudo, eu tenho, mas não fé cega. Não é que eu não goste de Jesus, eu tenho Jesus como um homem, não como um milagre, não como o poder, não como astro. Jesus é um dos primeiros cientistas, mas o Natal tomou o lugar de Jesus com essa história de presentes...Cristo foi um homem, um cientista. Cientista real é quem pensa, tudo que tem áurea, tudo que se move, que raciocina. Sou eu e é você.

— Olhe, estou começando a achar que é ideia de grandeza um preto velho e uma preta velha cientistas. Será que corre o risco de os carros da saúde chegarem até aqui para nos buscar?

Ambos olham para os lados e sorriem. Assim como no prontuário dele, o “discurso místico e as ideias de grandeza” estão presentes como sintomas dela, diagnosticada com quadro psicótico de evolução crônica, mesmo diagnóstico dele.

— Preto não pode nem imaginar, né? O *trocadilo* fez de uma maneira que as pessoas, até as que menos têm, menosprezam, quanto menos elas têm..., mas todos nós bichos homem *tem* que ser igual, seja o que for tem que ser comunismo. Comunismo é

igualdade, não é obrigado todos trabalhar num serviço só, comer uma coisa só, mas a *igualdade* é a ordenança que leva o homem a ser o único condicional...

— Todos numa só tarefa...

— Era para ser assim, mas o que mais tem é escravo disfarçado de liberto. Isso é um disfarce de escravo... soltou eles e não deu emprego, que adiantou? Olhe, eu já tive dó de escravo, não tenho mais. O que é isso rapaz? Vão deixar isso acontecer até quando? Passam fome, comem qualquer coisa, aceitam qualquer coisa.

— Ai que vontade de comer uma goiaba.

Seu Cosme disse gargalhando e seguiu falando.

— Não prestei para ser escravo não... não como qualquer coisa. Eu gosto de goiaba, e de caju também, é bom, principalmente quando eu tomava uma branquinha.

— Então você gosta de uma limpa? Nas noites de frio no Jardim Gramacho, ela já muito me salvou. A branquinha era a alegria e o cobertor dos pobres...

— E o nosso tempo era outro. Eu experimentei desde criança, na época era comum os pais oferecerem cachaça aos filhos. Já adulto ela foi minha companheira em alguns momentos, mas nunca foi meu problema. Eu nunca deixei de fazer minhas obrigações por causa disso. Nunca.

— Nunca para você, o tal do seu prontuário deve dizer outra coisa.

— Você é esperta mesmo garota, e, ao contrário do que falei, sempre foi um problema, mas para os outros, não para mim. Até depois da queda, acredita? A enfermeira, que foi lá em casa com uma ambulância, viu a garrafinha lá perto do meu fogareiro elétrico e já foi afirmando que eu tinha bebido. A garrafa estava lá mesmo, tão velha quanto eu, a cada dia mais velha. Fazia era tempo que eu não encostava nela, coisa da idade mesmo, da minha.

— Tá vendo? A terra suja acabou com os homens, cagou nos homens, ridicularizou os homens. É por isso que, como já te falei, para mim a única solução é fogo. Não gosto de erro, de suspeitos, de *homilhação*. O fogo está comigo agora, ele está me queimando, me testando.

— Eu concordo com você. Sem fogo não há *transubstanciação*. Ele que vai transmutar as energias velhas em novas.

— Olho para você e ainda te vejo velho, olha para nós!

Estamira sorri e continua sua fala.

— Se queimar meu sentimento, minha carne, meu sangue, se for para o bem, para a verdade, para a lucidez de todos os seres, por mim pode ser agora, nesse segundo, eu agradeço ainda.

— O novo se apresenta às vezes até disfarçado de velho, ou mesmo de pretos velhos, que tal? A novidade precisa se apresentar porque a vida continua, a vida continua galhardamente. E nós, andorinhas, vamos seguir o nosso voo, bicando entre as janelas de academias, inspirando mestres, doutores e doutoras, pesquisas, dissertações de mestrado...

— Então vamos Seu Cosme! Visivelmente e naturalmente eu tenho a impressão de que tirei sorte boa de encontrar você por aqui.

— Vamos Estamira, vamos cantar e voar e encontrar outras pessoas.

.....

Imagem 5



Arquivo Pessoal, de autoria de Mozart Santos Nascimento, oficineiro do CAPS em 2021.

Mortos vivos, vivos mortos

As Intermittências da Morte

[...] *Aí está uma palavra que soa bem,
cheia de promessas e certezas,
dizes metamorfose e segues adiante,
parece que não vês que as palavras são rótulos que se pegam às
coisas,
não são as coisas, nunca saberá como são as coisas,
nem sequer que nomes são na realidade os seus,
porque os nomes que lhes deste não são mais que isso,
os nomes que lhes deste.*
(José Saramago, 2005)

Uma pesquisadora inicia a sua escrita no período da pandemia, fazendo de tudo para, em meio àquele cenário mortífero, esquivar da morte. Enquanto acompanhava, inclusive bem de perto como trabalhadora da área da saúde, o contexto pandêmico, lutava para não morrer e para não deixar o seu texto marcado por essa história. “*Quando procurarem nos arquivos, não é uma pesquisa sobre pandemia*”, dizia ela.

Não diria que foi em vão porque, caso o contrário, não estaríamos aqui, mortos ou vivos. Enquanto a pesquisadora criava a sua narrativa em terceira pessoa, aproveitando-se do argumento da tal *neutralidade científica*, foi surpreendida pela cientista e pelos seus intercessores, transbordando emoções em vozes, poesias e canções. Assim, o corpo-voz da cientista vai tomando a narrativa que se fez ação. Em primeira pessoa, ela apresenta essa história que não é comercial.

Após a morte e uma ruptura disparadora, surgem novos cruzamentos de linhas que possibilitaram criar e recriar o próprio tempo. Um preto e uma preta velha encontram-se em uma encruzilhada, a eles soma-se a cientista que também morreu, formando as linhas que se abriram para essa reconfiguração plural. Mortos por serem tão vivos, os intercessores possibilitaram a criação de novos universos de referência para comunicar, fazendo e dando ciência por meio dessa pesquisa, na qual a pesquisadora-narradora se transmuta encontrando a cientista. Ao percorrer um caminho metodológico em germinação, fez-se uma cartografia do encontro entre pesquisadora e mundo, no qual se fabulou o encontro entre Seu Cosme, Estamira e (a morte do) eu, pesquisadora, trabalhadora, narradora, cientista. A vida, assim, ganhou ares de andorinha.

Ao chegarmos até aqui, trazemos algumas considerações sobre o que pode vir a ser o cuidado na perspectiva da saúde mental coletiva, antimanicomial, um cuidado passarinho, elementos para pensar os processos de institucionalização, questionar e

resistir aos mecanismos de produção, de controle e morte dos corpos e subjetividades desviantes, infames. Fabulamos. Desviar, fabular povo, compor com linhas de devires minoritários (DELEUZE, 1992). A clínica, assim considerada, é sempre clínica dos desvios. Para que possa ser cuidado, precisa criar bifurcações, arejar nossa terra apequenada.

É fundamental compreender que, em uma sociedade desigual e opressora para a classe menos (ou nada) favorecida, pessoas com existências desviantes- da *normalidade* padronizadora- podem passar de esquecidas e invisíveis, para lembradas e visíveis através da intervenção do Estado, das políticas públicas. Porém, ainda que falem, e às vezes exatamente por falar, correm o risco de ser emudecidas. Ser ouvido/a em uma sociedade da normalização carrega o ônus de tornar-se “*normal*”, tudo em nome da garantia de direitos, inclusive do direito à vida, primeiro e mais elementar direito humano torna-se sujeição, obediência a uma forma de vida naturalizada, civilizada, a qual é preciso aderir.

Que existências são essas que até o cuidado quer matá-las?

Quando buscarem nos arquivos essa pesquisa é sobre morte sim e é sobre uma pandemia ainda mais avassaladora, o necrobiopoder (BENTO). Mas, quando procurarem nos arquivos, que essa pesquisa não esteja morta. Que possamos por meio dela nos inspirar a desviar, com a ética das borboletas e dos passarinhos para alçar voos e experimentar movimentos de pouso. Um pouso no movimento, talvez possamos aprender a “chegar entre” (DELEUZE, 1992, p. 151). “Não se trata mais de partir ou de chegar” (IDEM, p. 151); se “as opressões são tão terríveis porque impedem o movimento” (IDEM, p. 152), o convite é movimentar o pensamento.

Agora se faz necessário pousar. Essa dissertação é um pouso para seguirmos acompanhando os passantes e *outrando-nos*, produzindo diferença, dando caminho e passagem aos desvios. Por que não ouvir a vida onde ela canta? Por que não a escutar lá onde ela fala e fede por si própria? (FOUCAULT, 2003). Sigamos, andorinhas, vivas.

“*Quem morre é otário...*” (Seu Cosme).

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. Tradução Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

ALMEIDA, Laís; VASCONCELOS, Michele. (Des)territórios da clínica: o alçar de vidas borboletas. In: *Vozes, imagens e resistências das ruas: a vida pode mais!* Organizado por Maria Tereza Nobre, Ana Karenina Arraes Amorim, Fernanda Cavalcanti de Medeiros, Anna Carolina Vidal Matos. – Natal: EDUFRN, 2020.

BAPTISTA, Luís Antonio. *A fábula do garoto que quanto mais falava sumia sem deixar vestígio*. Psicologia e Educação: novos caminhos para a formação/Ira Maciel (Org.). Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2011. P.195 a 209.

_____. Noturnos urbanos. Interpelações da literatura para uma ética da pesquisa”. In: BAPTISTA, L.A. dos S. *Escritos Urbanos: Ensaio sobre subjetividade e política*. Editora CRV, 2010. p. 181-194.

_____. *A cidade dos sábios*. Reflexões sobre a dinâmica social nas grandes cidades. São Paulo: Summus, 1999.

BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro/São Paulo, Editora Record: 2004. <https://archive.org/details/livro-sobre-nada-manoel-de-barros/page/n39/mode/2up>

BELCHIOR. Na hora do almoço. 1974. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=w2fId0psDmg>>. Acesso em: 14/7/2022.o

BENTO, Berenice. Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação? *Cadernos Pagu*, [S. l.], n. 53, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8653413>. Acesso 25/5/2023.

BORGES, Telo. Voa, Bicho. In: Os Borges. [S.l.]: [s.n.], 1980. Faixa 3. 1 CD.

BRASIL. Lei n. 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização dos serviços correspondentes e dá outras providências. Diário Oficial União, Brasília, DF, 20 de setembro de 1990, p. 18055.

BRASIL. Lei n. 10.216, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 6 de abril de 2001.

BRASIL. Manual de Redução de Danos. Coordenação Nacional de DST e Aids. (Série Manuais; 49). Ministério da Saúde. Brasília, 2001.

BRASIL. Portaria n. 336, de 19 de fevereiro de 2002. Estabelece os Centros de Atenção Psicossocial. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 29 mai. 2002.

BORGES, Lô. Trem de doido. Interpretado por: Milton Nascimento e Lô Borges, 1972. Clube da Esquina. Odeon. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PxtcGK6Nneg>

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*, v. 2, trad. Bras. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*, v. 4, trad. Bras. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. Sobre o conceito de desterritorialização [entrevista-vídeo]. 1988. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DDvFOEBXji0>>. Acesso em: 7/7/2022.

_____. *Conversações*. Tradução: Peter Pál Pelbart. – São Paulo: ED 34, 1992.

_____. *Crítica e Clínica*. Tradução: Peter Pál Pelbart. – São Paulo: ED 34, 1997.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Que emoção! Que emoção?* São Paulo - Editora 34, 2016.

FAGUNDES, Sandra. *Águas da pedagogia da implicação: intercessões da educação para políticas públicas de saúde*. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=5110967&pid=S2238-152X201500020000400013&lng=pt

FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. São Paulo: Edusp, 2009.

FONSECA, Tania; COSTA, L.; MOEHLECK, V.; NEVES, J.N. O delírio como método: a poética desmedida das singularidades. *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, Rio de Janeiro, Ano 10, n.1, p. 169-189, jan./abr. 2010.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. Estratégia, poder-saber. In *Ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p.203-222.

_____. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 2018. 10 ed. p.89-128.

_____. *História da loucura na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

GESSINGER, Humberto. Ninguém = ninguém. 1992. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jC58gRE2OGA>>. Acesso em: 9/7/2023.

GIL, Gilberto. A linha e o linho. In: <https://www.youtube.com/watch?v=F5PP27NaO4E>. Extra [álbum]. Rio de Janeiro: WEA, 1983.

GONZAGA, Luiz; DANTAS, Zé. O xote das meninas. Gravado originalmente em 5 de fevereiro de 1953. Disponível em: <<http://qualdelas.com.br/o-xote-das-meninas-2/>>. Acesso em: 18 jun. 2023.

GUATARRI, Felix. ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

LANCETTI, Antonio. *Clínica Peripatética*. 3a. Ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2011.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 nº 19.

_____. *Tremores-escritos sobre a experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MIGLIORIN, Cezar. *Ensaio no real*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.

PELBART, Peter Pál. *Vida capital- Ensaio de biopolítica*. Editora Iluminuras Ltda. - São Paulo, 2003.

PRADO, Marcos (Diretor). *Estamira* [documentário]. Brasil, 2004. Duração: 1h52 min. Disponível em <https://globoplay.globo.com/estamira/t/P8Lx68tx65/>

PRADO, Marcos (Diretor). *Estamira: para todos e para ninguém* [documentário]. Brasil, 2007. Duração: 1h1min. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9151444/?s=0s>

SILVA, Daniel Neves. "Ditadura Militar no Brasil"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/ditadura-militar.htm>. Acesso em 03 de junho de 2023.

VELOSO, Caetano. *Gente*. 1977. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=D9aG6E36PO4&list=PLJxcL6U7COZuN3Pnw-8Lx7zR9o7QUyJBz&index=3>>. Acesso em: 13/3/2023.

ZAMBENEDETTI, Gustavo; SILVA, Rosane. *Cartografia e genealogia: aproximações possíveis para a pesquisa em psicologia social*. *Psicologia & Sociedade*; 23 (3): 454-463, 2011.

Links acessados:

<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>
<https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 18/1/2021.

<https://www.gov.br/saude/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/caps>. Acesso em 8/7/2023.

<https://www.gov.br/pt-br/servicos/acessar-o-cras-centro-de-referencia-da-assistencia-social>. Acesso em 4 de junho de 2023.

http://www2.datasus.gov.br/cid10/V2008/WebHelp/f20_f29.htm Acesso em 8/7/2023.
https://www.hri.global/files/2010/06/01/Briefing_what_is_HR_Portuguese.pdf

Acesso em 03 de junho de 2023.

<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2011/07/morre-estamira-personagem-titulo-de-premiado-documentario-brasileiro.html>

Acesso em 03 de junho de 2023.

<https://www.dicibaptistao.com.br/efluvio/>. Acesso em 8/5/2023.